

*Senhor,
Obrigada por terdes confiado em mim.*

*Quero olhar hoje, minhas Irmãs
com os olhos cheios de amor.
ser paciente, compreensiva e mansa.*

*Ver além das aparências
minhas Irmãs, como Vós mesmo as vedes
e assim, não ver senão o bem em cada uma.*

*Fecha meus ouvidos a toda calúnia
Guarda minha língua de toda maldade
Que só de bênçãos
se encha o meu espírito.*

*Quero buscar com minhas Irmãs a Vossa Vontade
e construir a fraternidade.*

*E quando eu me deparar com situações difíceis,
não permitais que eu me feche aos outros,
Ajudai-me a superar as minhas dúvidas ou as provações
Iluminai-me nas situações obscuras.*

*Senhor,
A exemplo de Maria, “cheia de graça”,
Ensinai-me a acolher a Vossa graça a cada dia
Para amar como Vós amais*

Uma Irmã Servente do Chili

SUMÁRIO **JUHO - AGOSTO 2013**

VIDA ESPIRITUAL

- 226 Carta de 15 de agosto de 2013
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 230 Retiro internacional para as Irmãs Serventes
Casa-mãe, maio de 2013
Um lugar aos pés de Jesus - “A fé: o serviço da mente,
do coração e da vontade”
Padre Patrick Griffin, Diretor geral
- 243 Por ocasião do aniversário de 50 anos do Concílio Vaticano II
A partir do Concílio Vaticano II e do ensinamento de Paulo VI
e de João Paulo II
Maria na vida e na missão da Igreja
Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade

DESAFIOS ATUAIS

- 261 Província de Pamplona
Colégio Nossa Senhora do Carmo e São José em Saragoça
Irmã Maria Carmen Saz, Filha da Caridade

ATUALIDADE DAS PROVÍNCIAS

Visita dos Superiores

- 268 Mère Evelyne Franc e Irmã Zofia Daniscakova, Conselheira
Geral: Visita à Província da Eslovênia e da Região da Albânia.
Irmã Cveta Jost e Irmã Donata Bardhaj, Filhas da Caridade

Testemunho das Irmãs

- 272 Província das Filipinas
Ir aos pobres após o desastre do tufão em Davao
Equipe de Filhas da Caridade, voluntárias em Cateel
- 275 Província da Bélgica
Por ocasião dos 25 anos de existência do Grupo de Revitalização Vicentino
Uma pequena semente que brotou!
Irmã Gilberte Haesendonck, Filha da Caridade

HISTÓRIA DA COMPANHIA

Fontes e atualidades

- 278 A experiência espiritual de São Vicente
Padre Jean Morin, cm
- 292 Irmã Justine Bisqueyburu e o escapulário verde
Extraído do livro do Padre Mott, cm

VIDA ESPIRITUAL

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 15 de agosto de 2013

Minhas queridas Irmãs,

Que a Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Fiéis à tradição da Companhia, muitas Irmãs tiveram a gentileza de me formular votos pela festa de 15 de agosto. Agradeço-lhes profundamente. Fiquei muito feliz ao ler suas correspondências e de partilhar assim, um pouco da vida das Comunidades locais, das alegrias e dificuldades dos serviços que realizam com os pobres. Algumas situações chamaram mais particularmente a minha atenção, por exemplo: a de um hospital que as Irmãs administram em Moçambique, “após as inundações”; a de uma nova Comunidade na Índia do Norte onde a educação e a evangelização dos jovens são a prioridade das prioridades; a de uma casa de Irmãs idosas na Europa, que adotou uma missão na África através de seu apoio espiritual e material; a de uma Comunidade na América Latina que mobiliza todas as suas energias para acolher moradores de rua e... eu poderia facilmente estender esta lista. Também, lhes sou profundamente grata pelas orações que todas oferecem em minhas intenções. Que o Senhor as recompense com o cêntuplo!

Hoje, com a Igreja, festejamos a Virgem Maria, elevada à glória do céu em corpo e alma; os textos que a liturgia nos propõe apresentam Maria como a Mulher por excelência, bem próxima de Deus e bem próxima de nós:

“Toda formosa entra a filha do rei, com vestes bordadas de ouro, com um manto multicolor é apresentada ao Rei...”¹.

“Então, apareceu no céu um grande sinal: uma mulher revestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas”²

“A minha alma engradece o Senhor e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, Pois, ele viu a pequenez de sua serva”³.

Reflitamos sobre o sentido desta festa para aprofundar nossa devoção marial e assim, como nos diz Santa Luísa, aproximarmo-nos do Senhor: *“Sou toda vossa, Santíssima Virgem, para ser mais perfeitamente de Deus”⁴*. Na formação que oferece às primeiras Irmãs, Santa Luísa mostra-lhes com frequência o exemplo da Virgem Maria, sua humildade, a pureza do seu amor por Deus, sua fidelidade à missão de dar ao mundo o Verbo da Vida. Ela escreve: *“Devemos rogar-lhe, habitualmente, que nos ajude a oferecer a Deus o serviço que lhe prometemos e a cumprir sua santa vontade com a mesma submissão dela”⁵*.

Em minhas viagens, aprendo a conhecer e a amar Maria sob diferentes invocações. Recentemente estive na Amazônia onde participamos de uma bela celebração para honrar Nossa Senhora de Nazaré; em Santo Domingo, na Província do Caribe, meditamos sobre a devoção extremamente difundida de Nuestra Señora de la Altagracia. Detenhamo-nos, hoje, em três outros títulos de Maria e contemplemos:

Maria, Mãe da Vida e Rainha elevada ao céu. Ela nos lembra da grandeza de nossa condição humana. Quando celebramos a Assunção, realizamos um ato de fé na ressurreição da carne e na vida eterna, proclamamos a dignidade de cada ser humano e damos graças a Deus pela nossa redenção, por sua infinita misericórdia. A Igreja proclama que nosso corpo é destinado a ser transfigurado por Deus; este corpo, às vezes, reduzido à qualidade de mercadoria, ou amado até a idolatria, este corpo muitas vezes sofrido, às vezes torturado.

Confiemos a Deus, pela intercessão de Maria, Mãe da Vida e Rainha elevada ao céu, as mulheres e as crianças vítimas do tráfico, os jovens dependentes de paraísos artificiais, todos nossos contemporâneos presos na espiral da violência. Rezemos também pelos profissionais da saúde e por nos-

sois legisladores, para que respeitem a vida, desde a sua concepção até o seu fim e protejam a estabilidade da família. Peçamos a Deus, por Maria, a graça de estarmos atentas aos sinais de vida, de bondade, de beleza, de verdade que o Espírito suscita no mundo.

Virgem que crê, modelo para nossa fé. Ela nos ensina a escutar a Palavra e a colocá-la em prática. Celebrando a Assunção de Maria, damos graças por aquela que nos antecedeu, que nos mostrou o caminho da fé. De *Marialis cultus*, passando à *Redemptoris Mater*, até *Porta Fidei* e *Lumen Fidei*, Paulo VI, João Paulo II, nosso Papa emérito Bento XVI e nosso Papa Francisco, todos citaram Maria como exemplo de fé: “*A Maria, Mãe da Igreja e Mãe da nossa fé, nos dirigimos, pedindo-lhe: Ajudai, ó Mãe, a nossa fé*”⁶.

Confiemos a Deus, pela intercessão de Maria, Virgem que crê, modelo para nossa fé, o Papa Francisco, todos aqueles e aquelas que buscam a Deus na pureza de seus corações, todos que O esqueceram. Confiemos-Lhe também os veementes desafios da nova evangelização. Peçamos a Deus, por Maria, a graça de irradiar ainda mais nossa fé, através do nosso serviço vicentino de caridade e da nossa vida comunitária.

Maria, única Mãe da Companhia. São Vicente e Santa Luísa tomaram-na por patrona desde as origens e ao longo dos 380 anos de existência da Companhia, a Virgem nos manifestou sua ternura e sua proteção. Ela presenteou Santa Catarina, em 1830, com a medalha, declarando-lhe: “A Companhia, eu a amo”, destacando ao mesmo tempo os desleixos comunitários... Em 1840, ela confia à Irmã Justine, o escapulário verde do Coração Imaculado de Maria. Em 1846, Irmã Apolline recebeu a missão de difundir o escapulário vermelho da Paixão dos Corações de Jesus e de Maria. Diante destas manifestações excepcionais, permaneçamos fiéis em recorrer diariamente a Maria, com espírito de serva, do qual ela é o perfeito modelo.

Confiemos a Deus, por intercessão de Maria, única Mãe da Companhia, nossas próximas Assembleias domésticas e provinciais, para que elas suscitem em todas nós, “um novo elã missionário”.

Boas festas da Assunção! Neste dia, nós apresentamos a Maria toda a Companhia e particularmente nossas Irmãs que servem no Egito, na Eritreia, na Síria...

Mais uma vez, expresso a minha gratidão pelos votos de festa e por suas orações, e asseguro-lhes a minha dedicada afeição,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

P.S.: Permitam-me aproveitar desta carta para compartilhar uma informação:

Em 2004, a Companhia criou o I.P.S. nos E.U.A, um organismo ao qual muitas Províncias fazem apelo para o financiamento de projetos de desenvolvimento integral para nossos irmãos e irmãs desprovidos. Recentemente, a Companhia decidiu abrir uma outra entidade jurídica de direito francês: o Fundo de Dotação Rosalie Rendu. Este Fundo busca recursos com objetivo de ajudar os pobres servidos pelas Filhas da Caridade, especialmente no âmbito da educação, da promoção da mulher, da saúde e do desenvolvimento rural. Ele vai colaborar com o I.P.S. no financiamento de seus projetos. No entanto, o envio dos projetos continuará a ser feito diretamente ao I.P.S. por uma questão de boa coordenação.

Nós o colocamos sob a proteção de Irmã Rosalie, com a esperança de imitar sua preocupação com os pobres, sua simplicidade e sua eficiência em solicitar ajuda em favor dos mais empobrecidos.

Notas:

¹ Salmo 44 (45) 13-14.

² Ap 12, 1.

³ Lc 1, 46-48.

⁴ Escritos de Santa Luísa, Oblação à Virgem, E.5 (A. 4), pág. 784.

⁵ Escritos de Santa Luísa, devoção à Santíssima Virgem, E.68 (M33) pág. 899.

⁶ Papa Francisco, Lumen fidei, n°60.

PADRE PATRICK GRIFFIN, DIRETOR GERAL

Retiro Internacional para as Irmãs Serventes
Casa-Mãe, maio de 2013

**Um Lugar aos pés de Jesus
“A fé: o serviço da mente, do coração e da vontade”**

“A fé é o fundamento da esperança, é uma certeza a respeito do que não se vê” (Heb 11,1).

Neste Ano da Fé, eu gostaria de chamar sua atenção sobre o objeto de nossa fé. Mantendo em mente seu serviço de Irmã Servente “aos pés” de nossas Irmãs para o apoio e o crescimento da fé, vamos nos concentrar na característica pessoal da fé.

“A Porta da Fé (cf. At 14, 27), que introduz na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na sua Igreja, está sempre aberta para nós. (...) Atravessar esta porta implica embrenhar-se num caminho que dura a vida inteira. Este caminho tem início no Batismo (cf. Rm 6, 4), pelo qual podemos dirigir-nos a Deus com o nome de Pai, e está concluído com a passagem através da morte para a vida eterna, fruto da ressurreição do Senhor Jesus” (PF,1).

Atravessar a porta da fé dura toda a vida, do Batismo até a morte. Como membros de uma Sociedade de Vida Apostólica, o carisma vicentino caracteriza nossa maneira de viver a fé e a vida consagrada. Nós vivemos como uma comunidade de fé e crescemos nesta fé juntos quando a testemunhamos através de nossas palavras e nossas ações em nosso serviço e no apoio mútuo.

Durante os últimos dois anos, eu pude perceber cada vez mais como Pedro é uma testemunha privilegiada para compreender a identidade de Jesus, para crescer na fé e anunciar o Evangelho. Perguntei a mim mesmo se isto acontecia porque ele deveria assumir um papel de liderança – como o de uma Irmã Servente. Por que não Paulo: o mais urbano, multicultural e poliglota? Talvez porque os específicos preconceitos culturais de Pedro são desafiados e precisam crescer e mudar. Podemos aprender mais através de Pedro, pois, ele precisava se tornar multicultural e desenvolver uma visão mais ampla, ao mesmo tempo que crescer em sua fé. Nos Atos dos Apóstolos, ele descreve sua visão em Jope: um lençol cheio de “animais impuros” desceu do céu. Pedro não compreende imediatamente o significado da visão, porém, mais tarde, ele reconhece o que Deus lhe diz (Atos 10, 28) e aprende que a Comunidade cristã deve se estender ao mundo inteiro. Portanto, Pedro pode nos ensinar algumas lições importantes sobre a fé.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A FÉ

Antes de tudo, entretanto, explicitemos o significado da palavra “fé” e do verbo “crer”. Quando dizemos “nós cremos”, isto significa muitas vezes dizer: “nós pensamos”. Mas o objeto de nossa fé deve ser definido muito mais cuidadosamente. Quando eu digo “eu creio”, eu comprometo o mais profundo do meu ser, muito mais que por conhecimentos ou provas, pois é para mim a expressão mais verdadeira de mim mesmo e do universo no qual eu vivo e onde Deus vive.

A carta do Papa Bento XVI nos encoraja a confessar nossa fé. Podemos pensar que devemos torná-la conhecida aos outros e isto é, sem dúvida, verdadeiro e necessário, mas, antes de tudo, e mais importante, precisamos confessar nossa fé para nós mesmos. Se eu me reconheço como uma pessoa de fé, devo ser capaz de dizer que isto faz diferença em minha vida. Somente então, eu estarei preparado para comunicar minha fé aos outros. Gostaria de oferecer algumas imagens bíblicas que me ajudam a pensar sobre a nossa fé.

A expressão mais simples de nossa fé é: “Eu creio em Deus”. Neste Ano da Fé, é desejável aprofundar esta frase que é fundamental e a base para qualquer outra afirmação. Nós começamos por Deus. No *Catecismo da Igreja Católica*, nós encontramos esta declaração inicial: “A nossa profissão de fé começa por Deus, porque Deus é “o Primeiro e o Último” (Is 44,6), o Princípio e o Fim de tudo” (CIC, § 198).

Isso parece muito claro. Algumas vezes, as pessoas de fé me perguntam se eu acredito em anjos ou se eu acredito no inferno ou se existem cachorros no céu. Minha resposta a esse tipo de perguntas permite que as pessoas me classifiquem de um lado ou de outro de uma variedade de correntes teológicas: liberal ou conservadora.

Na verdade, eu me recuso a responder estas questões com um “sim” ou “não” o que frustra meus interlocutores. Minha resposta é que eu creio em Deus, e creio que Deus é todo poderoso e que é todo bondade. Com isso em mente, creio que Deus se comunica e cuida de nós, e esta é a função dos anjos; creio que Deus é justo, e isso diz algo sobre a responsabilidade das pessoas sobre suas vidas e, finalmente, acredito que Deus quer que sejamos felizes com Ele em todos os momentos; isso significa coisas diferentes segundo as pessoas e, algumas vezes, pode eventualmente incluir os cachorros. Então, não me preocupo em falar sobre “crer” em coisas, mas que eu creio em Deus e todo o resto encontra o seu lugar.

Há muitos níveis para nossa fé. Mère Guillemin expressa muito bem a maneira como a fé precisa envolver-nos pessoalmente. Ela escreve:

“A Fé não é apenas um ato de inteligência; é uma adesão do coração, fonte de vida. Uma fé ardente e convicta anima todos os pensamentos de nossa mente, influencia as decisões do coração e determina os atos da nossa vontade” (1º janeiro de 1968).

Mente, coração e vontade todos têm uma tarefa no exercício de nossa fé. A Bíblia nos oferece os fundamentos de nossa reflexão.

1 - A PROFISSÃO PESSOAL DA FÉ

UMA QUESTÃO DA MENTE: “E VÓS, QUEM DIZEIS QUE EU SOU?”

Quando Jesus pergunta sobre sua identidade aos seus discípulos, ele questiona de uma maneira específica. Escutemos como ele envolve os discípulos e a nós:

“Certo dia, Jesus estava rezando num lugar retirado, e os discípulos estavam com ele. Então Jesus perguntou: “Quem dizem as multidões que eu sou?” Eles responderam: “Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; mas outros acham que tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou.” Jesus perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Pedro respondeu: “O Messias de Deus” (Lc 9, 18-20).

Como este diálogo se desenvolveu? Primeiro, Jesus interroga seus discípulos sobre o que os outros dizem a seu respeito. Ele quer que os discípulos se mantenham abertos para aprender com a experiência das outras pessoas. Os discípulos lhe contaram o que estava sendo dito: *“alguns dizem que és João Batista; outros, Elias; outros, um dos profetas”*. Jesus quer que os discípulos reúnam informações, mas isso nunca será suficiente.

Ninguém pode realmente crer baseado no que outra pessoa pensa. Finalmente, Jesus faz a pergunta mais importante. Inútil esconder-se atrás das opiniões e pensamentos dos outros, cedo ou tarde, uma pessoa tem que assumir a responsabilidade de sua própria vida. E assim, Jesus pergunta: *“E vós, quem dizeis que eu sou?”* Jesus quer saber o que os discípulos acreditam, porém, e Pedro está no mesmo nível que os outros, mas responde: *“(Tu és) o Messias de Deus”*. Pedro não poderia ter feito uma afirmação mais forte. Nesta expressão, ele resume tudo que ele poderia dizer. Sim, Jesus é o Messias, e também muito mais que isto. A resposta tão sincera de Pedro o coloca em um caminho que ele não compreenderá, em toda a sua plenitude, senão após a experiência da Ressurreição.

Este relato nos ensina que nós também devemos escutar e aprender com as outras pessoas. O que diz a Bíblia sobre Jesus? O que nos diz o Catecismo sobre Jesus? E o Papa, o que ele tem a nos dizer sobre Jesus? O que os teólogos e os pastores têm para dizer? O que os jornais e livros afirmam? Esta dinâmica não é menos importante para o nosso mundo moderno do que era no mundo antigo.

Há muitas pessoas que podem ensinar-nos, tanto por suas palavras ou por seus gestos, o que significa ser uma pessoa de fé. Como vocês, eu tenho meus autores favoritos e não acredito que nenhum deles tenha todas as respostas, nem concordo com algumas posições. No entanto, todos eles me desafiam e me convidam a pensar e repensar no que eu creio sobre Jesus, sobre a Bíblia e a Eucaristia e, assim, crescer na minha fé.

As circulares de Mère Guillemin são um verdadeiro tesouro. É muito fácil reconhecer através delas sua fé. Ela sabia no que acreditava e dizia isso com clareza e convicção. Ela não prega, mas diz com simplicidade o que se enraizou profundamente em seu coração e em sua experiência. Ela mostra no que um verdadeiro vicentino deve crer e viver. Por ocasião do Ano da Fé, declarado pelo Papa Paulo VI em 1967, ela refletiu profundamente sobre o sentido da fé.

Há outras fontes de escritos sobre a fé e nós precisamos buscá-las. Algumas pessoas realmente têm fé e são capazes de partilhá-la conosco. Conhecemos outras Irmãs ou Coirmãos ou leigos que são verdadeiros modelos de fé para nós. Confesso-lhes que Dorothy Day, uma leiga americana e defensora dos direitos dos pobres, foi um modelo de fé para mim. Sua história revela uma busca genuína de Deus numa vida que não era fácil. Dietrich Bonhoeffer é também para mim um exemplo.

Mas, depois de ouvir a fé de outros, escutemos Jesus nos fazendo a pergunta central, como Ele perguntou para os seus discípulos: *“E vós, quem dizeis que eu sou?”* A crença de outras pessoas deve ajudar-nos a aprofundar nossa convicção. Quem é Jesus para mim? A resposta precisa vir do que eu sei, e mais ainda do que eu experimentei dele. É por isso que fazer uma experiência pessoal de Jesus nos pobres é essencial; que a leitura das Escrituras, sob a orientação do Espírito Santo é eficaz. É por isso que receber o Corpo de Cristo reverentemente na Eucaristia e ter consciência do que seguramos em nossas mãos, deve transformar-nos. Rezar o terço e meditar sobre a cruz conduz à santidade pessoal. Precisamos refletir sobre o que cremos.

Na Bíblia, o **Livro de Jó** aprofunda a questão da natureza de Deus e de sua maneira de agir.

O livro de Jó começa com a história das desgraças de Jó e termina com a restauração das bênçãos de Jó. Entre um e outro, o livro apresenta um debate sobre a natureza de Deus, a maneira como Ele se relaciona com os seres humanos. As pessoas que agem virtuosamente seriam recompensadas nesta vida e as pessoas que fazem o mal seriam punidas?

O debate nestes quarenta capítulos acontece ao redor destas perguntas. A solução da questão sobre Deus, sua bondade e a razão de suas ações em algumas circunstâncias, ultrapassa a compreensão humana. A grandeza do universo sugere a grandeza de Deus e nos convida a confiar Nele.

Jó é questionado por Deus sobre as maravilhas do universo; ele responde que só lhe resta ficar humildemente diante da majestade, Daquele que criou todas as coisas. Ele reconhece que tudo chega como um dom para o ser humano. Assim, nós devemos ficar em silêncio, em admiração e obediência diante Daquele que é responsável por tal beleza, por tal grandeza. É uma postura de fé com a qual nos comprometemos.

As primeiras Filhas da Caridade foram orientadas para conhecer as bases de sua fé e ensinar estes fundamentos ao mesmo tempo em que serviam corporal e espiritualmente os pobres.

“[As Filhas da Caridade] pensarão em lhes dizer (aos doentes) uma vez por outra algumas boas palavras, que os levem a ter paciência ou a fazer uma boa confissão geral, a bem morrer ou bem viver; terão um particular cuidado em lhes ensinar as coisas necessárias à salvação” (Regras Comuns VII, 2, p.38).

O que é importante para uma Filha da Caridade é importante também para os pobres. Atualmente, devemos conhecer as verdades fundamentais de nossa fé para testemunhá-la.

Neste ano da fé, um dos esforços que podemos fazer é estudar a nossa fé. Podemos ler ou reler os documentos do Vaticano II, os escritos dos Fundadores, uma boa biografia de uma pessoa de fé. Há muitas maneiras de alimentar nossa fé para melhor professá-la. Partilhar nossa fé é o dom de Deus que ofertamos uns com os outros.

2 - UMA PROFISSÃO PESSOAL DA FÉ

UMA QUESTÃO DO CORAÇÃO: “TU ME AMAS?”

Após a ressurreição, Jesus se encontra com Pedro e juntos partilham uma refeição na beira do lago. Jesus pergunta a Pedro: “Tu me amas?” (Jo 21, 15-19).

Jesus faz a mesma pergunta três vezes e, a cada vez, Pedro responde: “Sim”, mas (talvez) com uma compreensão mais profunda do significado a cada repetição. Não é suficiente conhecer a verdade sobre quem é o Senhor, deve-se também amar o Senhor. É somente com este engajamento do coração e com esta disponibilidade para crer no Senhor no mais íntimo do seu ser que Pedro estará pronto para entregar sua vida e seguir Jesus até o fim. Quanto maior é seu amor pelo Senhor, mais seu coração é capaz de acolher todos os seus irmãos.

Neste “ano da fé”, estamos preparados para permitir que o Senhor nos faça esta pergunta três vezes: “Tu me amas?”. A cada pergunta e a cada resposta somos convidados a entrar, mais profundamente, neste compromisso com o Senhor que fecunda nossa vida pessoal e nossa missão.

São Vicente e Santa Luísa ensinaram às primeiras Filhas da Caridade que o espírito da Companhia consiste no amor a Deus, no amor mútuo e no amor pelo próximo. O amor era essencial na sua maneira de praticar e viver a fé. Conhecer Deus é importante, mas devemos amá-Lo com todo o coração, com toda a nossa mente, com toda a nossa alma, com todas as nossas forças. O selo das Filhas da Caridade proclama esta verdade para nós: “*A Caridade de Jesus crucificado nos impele*”. Nós continuamos a viver esta convicção de fé fundamentada no amor de Cristo.

NO EVANGELHO, O RELATO DA MORTE DE LÁZARO OFERECE UMA OPORTUNIDADE PARA REFLETIR SOBRE O QUE A FÉ SIGNIFICA NOS MOMENTOS DE REAIS DIFICULDADES.

Lázaro, o irmão de Marta e Maria, está morto. Eles são amigos de Jesus. Poderíamos então esperar que Jesus fosse rapidamente para estar com eles durante a doença de Lázaro, mas não foi o caso, e quando Jesus chega, Marta reage espontaneamente:

“Então Marta disse a Jesus: “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas agora ainda eu sei: tudo o que pedires a Deus, ele te dará.” Jesus disse: “Seu irmão vai ressuscitar.” Marta disse: “Eu sei que ele vai ressuscitar na ressurreição, no último dia.” Jesus disse: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá. E todo aquele que vive e acredita em mim, não morrerá para sempre. Você acredita nisso?” Ela respondeu: “Sim, Senhor. Eu acredito que tu és o Messias, o Filho de Deus que devia vir a este mundo” (Jo 11, 21-27).

Este maravilhoso diálogo nos revela a fé de Marta que é uma boa judia, bem formada. Quando Jesus lhe diz que Lázaro ressuscitará, ela responde que sabe disso: “na ressurreição do último dia”. Esta é uma crença dos judeus. Jesus, então, diz para ela algumas palavras que mudarão sua vida. Ele chama Marta a crer, não somente na doutrina judia da ressurreição, mas a crer no próprio Jesus.

Somos chamados a crer no Senhor e em suas promessas, porque Ele nos ama e nos chama a amá-lo. O coração é uma parte importante para ir para o Senhor, nossa fé compromete o nosso coração.

NO EVANGELHO, O MAGNIFICAT É UM DOS MOMENTOS FORTES EM QUE MARIA EXPRESSA SUA FÉ.

Após aceitar ser a mãe de Jesus pelo poder do Espírito Santo, Maria vai visitar sua prima Isabel. Impressionada pela bondade de Deus, ela expressa sua oração de louvor, que é uma oração do coração:

“Minha alma glorifica ao Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador, porque olhou para sua pobre serva. Por isto, desde agora, me proclamam bem-aventurada todas as gerações, porque realizou em mim maravilhas daquele que é poderoso e cujo nome é Santo” (Lc 1, 46-49).

Nós podemos perceber a profundidade da fé de Maria expressa neste canto. Ela conhece Deus não apenas com sua mente, mas com todo o seu ser, confia e acredita plenamente nas promessas de Deus para ela e para o seu povo. Sua fé a faz abrir o coração às dimensões de seu povo.

Precisamos amar o Senhor profundamente com nossa mente e nosso coração. Uma bela citação de Blaise Pascal evoca esta verdade:

“O coração tem razões que a própria razão desconhece. Nós sentimos isso em milhares de coisas. É o coração que experimenta Deus e não a razão. Isto, então, é fé: Deus sentido pelo coração e não pela razão” (Blaise Pascal, Pensamentos, § 263).

Neste ano da Fé, nós iremos, talvez, descobrir a importância de escrever nosso Salmo de Amor, nosso Magnificat pela ação e orientação de Deus em nossa vida. É uma expressão da nossa fé que vem do coração, uma maneira de responder a pergunta de Jesus: você me ama? É também nosso amor a Deus e a nossa fé que nos conduzem a assumir nossa missão de serviço às nossas Irmãs.

3 - UMA PROFISSÃO PESSOAL DA FÉ

UMA QUESTÃO DE VONTADE : “POR QUE DUVIDASTE?”

A fé supõe também de nossa parte a escolha de seguir o Senhor completamente. Isso compromete nossa vontade e nossas ações: eu escolho ser fiel! Eu escolho viver de uma maneira que seja expressão da minha fé.

NO EVANGELHO, JESUS ANDA SOBRE AS ÁGUAS.

Podemos contar com Pedro e sua experiência com Jesus para nos ajudar a compreender esta verdade. Um dia, Pedro viu Jesus andando sobre a água, e quis fazer a mesma coisa.

“Então Pedro lhe disse: “Senhor, se és tu, manda-me ir ao teu encontro, caminhando sobre a água.” Jesus respondeu: “Vem.” Pedro desceu da barca, e começou a andar sobre a água, em direção a Jesus. Mas ficou com medo quando sentiu o vento e, começando a afundar, gritou: “Senhor, salva-me.” Jesus logo estendeu a mão, segurou Pedro, e lhe disse: “Homem de pouca fé, porque duvidaste?” E quando eles subiram na barca, o vento amainou. Então os que estavam na barca se prostraram diante dele e lhe disseram: Verdadeiramente tu és o Filho de Deus. (Mt 14, 28-31)

Este relato nos oferece uma reflexão sobre a fé. Vemos a capacidade de Pedro em seguir o Senhor em quem deposita sua confiança. Enquanto Pedro mantém seus olhos fixos no Senhor, ele pode caminhar sobre as águas, mas assim que se deixa distrair começa a afundar. O simbolismo da narração é bem evidente. Quando Jesus ocupa um lugar importante em nossa vida, somos verdadeiras pessoas de fé, deixamos que o Senhor nos conduza.

Entretanto, muitas outras coisas podem atrair nossa atenção. Para Pedro, foram as ondas, o movimento do vento e o medo de não conseguir fazer o que já estava fazendo naquele momento. Estas outras vozes se tornam muito fortes e o impedem de escutar Jesus. Ele se esquece de olhar para Jesus e de apoiar a sua fé em Jesus. Então, Jesus se coloca imediatamente ao seu lado para o sustentar e lhe dizer: *“homem de pouca fé, por que duvidaste?”*

Em nossa vida, a questão essencial é a confiança que colocamos em Jesus para que Ele nos ajude a realizar a nossa missão. Se Jesus nos convida a caminhar sobre as águas, nós poderemos fazê-lo, se n’Ele depositarmos a nossa fé. Porém, quando começamos a duvidar ou a raciocinar, somos condenados a afundar. Caminhar sobre a água é uma arte que se adquire com um olhar de fé e uma firme resolução. Não é suficiente crer, devemos agir conforme a nossa fé. Nossa fé é um dom que compromete nossa vontade através das escolhas e decisões que tomamos.

“Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus, mas que seja com a força de nossos braços e com o suor de nosso rosto” (Coste XI, Conferência, 25 “Sobre o amor de Deus”, pág. 40).

Para Vicente e aqueles que abraçaram seu carisma, a expressão da fé deve acontecer na ação. As primeiras Filhas da Caridade demonstraram isso vigorosamente através de seus múltiplos serviços: levando a comida pelas ruas de Paris, atendendo os doentes em casa, nos hospitais e nas prisões, cuidando dos feridos nos campos de batalhas, acolhendo órfãos... Assim, elas expressaram sua fé no Cristo presente na pessoa dos pobres. Estas ações continuam ainda hoje, de muitas maneiras.

Vicente não se entusiasmava muito com aquelas pessoas cuja fé nunca levava a agir:

“Eles se vangloriam de sua imaginação inflamada; contentam-se com os suaves colóquios que têm com Deus na oração, falam mesmo disso como anjos, mas ao sair daí, quando é hora de trabalhar para Deus, de sofrer, de se mortificar, de instruir os pobres, de ir procurar a ovelha desgarrada, de gostar que lhes falte qualquer coisa, de aceitar as doenças, ou qualquer outra desgraça, aí, faltam-lhes a coragem” (Coste XI, Conferência 25, pág. 40).

Nossa fé no Cristo presente nos pobres deve ser expressa concretamente e passar por nossas mãos e nossos pés.

“Meus irmãos, se alguém diz que tem fé, mas não tem obras, que adianta isso? Por acaso a fé poderá salvá-lo? Por exemplo: um irmão ou irmã não têm o que vestir e lhes falta o pão de cada dia. Então alguém de vocês diz para eles: “Vão em paz, se aqueçam e comam bastante”; no entanto, não lhes dá o necessário para o corpo. Que adianta isso? Assim também é a fé: sem as obras, ela está completamente morta. (...) De fato, do mesmo modo que o corpo sem o espírito é cadáver, assim também a fé sem as obras ela é cadáver” (Tg 2, 14-17, 26). A fé nos compromete a escolher seguir o Senhor totalmente.

O JOVEM RICO

No Evangelho, um jovem rico se aproxima de Jesus e lhe pergunta: *“Bom mestre, o que deve fazer para herdar a vida eterna?”*. Jesus leva a pergunta a sério e responde ao homem como era esperado de um piedoso rabi: *“observe os mandamentos”*. Quando o homem responde que faz isso há muito tempo, Jesus olha para ele com amor e lhe oferece a oportunidade de ser ainda melhor:

“Falta só uma coisa para você fazer: vá, venda tudo, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois venha e siga-me” (Mt, 19,21).

Jesus vai direto ao centro da questão. Ele vê o que pode estar impedindo este homem de colocar Deus no centro de sua vida: seus bens. Jesus o convida a se libertar de suas posses, a dar sua riqueza aos pobres e, então, segui-lo. Ele oferece a este homem o privilégio de ser um discípulo!

Mas o jovem homem rico deve escolher: *“Quando ouviu isso, o homem ficou abatido e foi embora cheio de tristeza, porque ele era muito rico”*. O anseio do homem em fazer o que era certo se esvaziou. Ele queria que Jesus lhe dissesse que ele precisava fazer algo específico, mas não estava preparado para aceitar a solução de Jesus. Ele estava confortável com tudo o que tinha; sentia-se seguro com sua riqueza, então, vai embora triste. Pode-se imaginar que Jesus também tenha ficado um pouco triste e se volta para seus discípulos para lhes oferecer um ensinamento sobre a excessiva dependência dos bens materiais.

Quando Jesus o convida para aprofundar o seu discipulado, ele não está preparado para entregar o que é mais importante em sua vida naquele momento: sua segurança em suas posses. Quando escutamos esta história, devemos pensar que Jesus pode dizer-nos a mesma coisa que disse para o homem rico. Nós também observamos os mandamentos, mas Jesus pode pedir-nos para deixar ou renunciar algumas de nossas posses (materiais ou outras) para que Ele seja realmente o centro de nossa vida. Estamos preparados para identificar aquele elemento que devemos renunciar para que Jesus seja o valor mais importante em nossa vida?

Jesus nos convida a segui-Lo e nos indica a maneira como nós podemos fazê-lo, mas nós o escutaremos, se estivermos preparados para escutar. Ele nos pede para olhar nossa vocação e prestar atenção às exigências do nosso carisma. Ele nos pede para reconhecer nossa “necessidade” especial e estar dispostos a entregá-la e a renunciá-la para permitir que Ele assuma o lugar central em nossas vidas. Assim como olhou para o jovem rico, Jesus olha para nós com amor e nos convida a um discípulo mais profundo.

CONCLUSÃO

A mente, o coração e a vontade participam da maneira como devemos expressar a nossa fé. O compromisso pessoal de sua fé como Irmãs Serventes é uma bênção para nossas comunidades e as prepara para contribuir com o compromisso de fé de nossas Irmãs. Rezemos para que cada uma de nós esteja atenta ao apelo que o Senhor nos faz para vivermos uma vida de fé. Paulo nos diz que “*o justo vive pela fé*” (Rm 1, 17).

Padre Patrick Griffin, cm
Diretor geral
Retiro internacional de Irmãs Serventes

POR OCASIÃO DO ANIVERSÁRIO DE 50 ANOS DO CONCÍLIO VATICANO II

A partir do Concílio Vaticano II, do ensinamento de Paulo VI e de João Paulo II:

Maria na vida e na missão da Igreja

Introdução

A Igreja celebra atualmente o aniversário de 50 anos do Concílio Vaticano II. Nesta ocasião, os cristãos são chamados a reler os textos do Concílio, encontrando neles inspiração para alimentar a sua fé.

O Concílio Vaticano II é o vigésimo primeiro concílio ecumênico aberto no dia 11 de outubro de 1962 pelo Papa João XXIII, e concluído no dia 8 de dezembro de 1965, sob o pontificado do Papa Paulo VI.

O Concílio desejava um retorno às fontes para dar respostas às duas grandes questões formuladas por João XXIII:

- O que a Igreja diz de si mesma?
- O que a Igreja tem a dizer para o mundo?

Duas grandes Constituições respondem a estas questões:

- *Lumen Gentium*: A vida da Igreja e seu mistério
- *Gaudium et Spes*: A Igreja no mundo do seu tempo, abrindo-se especialmente à cultura contemporânea.

Estudando o mistério da Igreja, os Padres conciliares se questionaram sobre o lugar e o papel de Maria. No capítulo 8 da *Lumen Gentium*, eles destacaram o papel de Maria na Igreja. Foi a primeira vez na história que um concílio oferece uma síntese marial que se estenderá com Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI.

Seguiremos o desenvolvimento da doutrina marial no Concílio, depois, no Magistério dos Papas Paulo VI e João Paulo II, a partir dos cinco temas seguintes:

- I - Maria no mistério da Igreja.
- II - Maria: Mãe da Igreja.
- III - A oração e o culto marial
- IV - A mediação maternal de Maria.
- V - Maria e o mistério da mulher.

I – MARIA NO MISTÉRIO DA IGREJA

O último capítulo da *Lumen Gentium* fala sobre o mistério de Maria, “*membro supereminente e de todo singular da Igreja*” (§ 53).

Inicialmente estava previsto um esquema especial concernente à Virgem Maria, o esquema *De Beata (A bem-aventurada Virgem Maria)*. Porém, muitos Padres conciliares desejaram incluir seu texto na Constituição sobre a Igreja. Foi preciso fazer votação: dos dois mil votos possíveis, apenas 40 separaram as duas opções em favor da inclusão: 1.114 votaram pela inclusão e 1.074 votaram contra. O Padre Laurentin testemunhou: “*Naquele dia, na saída de São Pedro, eu vi lágrimas rolar*”. Temia-se, sobretudo a diluição da devoção marial e, finalmente, seu abandono.

De fato, o Concílio quis romper com o que se chamava o “movimento marial” que estava tendencioso a dirigir incessantemente novos louvores à Maria, com uma falsa interpretação do princípio: “*De Maria, jamais falamos suficientemente*”, como se a multiplicidade de louvores expressasse melhor o mistério. Certamente que não esgotaremos o mistério sobre Maria, pois ele é o reflexo do mistério de Deus, ela é a criatura à imagem e semelhança de Deus, no entanto, corre-se o risco de fazer dela como uma intermediária entre Cristo e os homens.

O Concílio não visa de modo algum relativizar a missão que lhe foi confiada, nem as qualidades que Deus quis conceder-lhe para que ela realizasse a sua missão: missão e graça são indissociáveis: “*Efetivamente, a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo de Deus no coração e no seio, e deu ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus Redentor....e, por este insigne dom da graça, leva vantagem sobre todas as demais criaturas do céu e da terra*”(§ 53).

O parágrafo 54 afirma que Maria “*ocupa depois de Cristo o lugar mais elevado e também o mais próximo de nós*”. Que compreendamos que se trata de uma elevação na ordem do amor, de uma proximidade com o Cristo Servo, de quem ela será a pequena serva.

O Concílio Vaticano II mostra, portanto, que Maria está no centro do mistério de Cristo e da Igreja, como expressa o título do capítulo 8 da *Lumen Gentium*: “*A Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus no Mistério de Cristo e da Igreja*”. Por isso, após o Concílio, quando falamos sobre Maria, devemos situá-la no mistério de Cristo e da Igreja.

Maria é o vínculo da Salvação, nela Deus e o homem se encontram de tal maneira que se fazem um. O Concílio de Éfeso (431) já havia destacado este papel de Maria, na Salvação.

Para a questão: “quando a Igreja celebra a Virgem Maria?”, respondemos: na Anunciação, na Visitação, no Natal, no tempo do Advento e esquecemos muitas vezes o essencial : no Mistério Pascal.

Em cada celebração eucarística, a Igreja reconhece que Maria está no centro do Mistério Pascal. Nos textos das primeiras orações eucarísticas, “fazemos memória à Bem-aventurada Virgem Maria” presente no centro do mistério pascal. Não é simplesmente por um reflexo sentimental; a missa não é um assunto privado, ela se vive na Igreja, ao redor de Maria. Ao fazer memória de Maria, nos apoiamos em sua oração. A Igreja é acompanhada pela fé de Maria. Ela nasce de sua fé e retira dela a fonte de seu louvor e intercessão:

“Porque cooperou pela caridade com o nascimento da Igreja. Maria está no coração da Igreja, fonte de onde brota, ontem como hoje, por pura graça do Espírito, a vida de Deus compartilhada com os que creem” diz o Concílio, citando Santo Agostinho.

II – MARIA, MÃE DA IGREJA

O Concílio não utilizou a expressão “Mãe da Igreja”, mas disse algo equivalente: “A Igreja Católica instruída pelo Espírito Santo, honra-a com afeto de piedade filial como mãe amantíssima” (§ 53).

Podemos nomear Maria “**Mãe da Igreja**”, porque ela é a Mãe do Cristo e, portanto, Mãe de todos os membros místicos, mesmo se ela permanece, apesar de tudo, nossa irmã.

No evangelho de São João, lemos: “*Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe... Quando Jesus viu sua mãe e perto dela o discípulo que amava, disse à sua mãe: Mulher, eis aí teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe*” (Jo 19, 25-27). Na versão grega, não está escrito: “quando Jesus viu sua mãe”, mas, “quando Jesus viu **a** mãe”, não usou o pronome possessivo e podemos nos contentar com o artigo definido “**a**” pois compreende-se que se trata de “sua mãe”. Desde então, Maria é **a** mãe, ela está totalmente envolvida em sua missão maternal, ela não assume outra função, senão a de ser **a mãe** e nisto consiste sua vocação seu ser, sua graça e missão singular: ela é a mãe, cuja vida é totalmente doada. Não é preciso buscar um título mais evangélico.

Por esta razão, toda a Igreja quer reconhecer-se em Maria, pois a Igreja deve sempre dar ao mundo, novos filhos de Deus. A Igreja é Mãe. Neste sentido, Maria é o modelo de uma Igreja-Mãe: “Mãe virginal, a Igreja só o é, na graça do sim da fé de Maria, recebendo em seu seio o Verbo de Deus” (cf.: § 63-64).

Em uma homilia de 8 de dezembro na Praça da Espanha, em Roma, Bento XVI lembrou a emoção dos Padres Conciliares, quando Paulo VI realçou o título de Maria, ao pronunciar este discurso: “*Portanto, para glória da Virgem e para nosso conforto, proclamamos Maria Santíssima “Mãe da Igreja”, isto é, de todo o Povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores, que a chamam Mãe amorosíssima; e queremos que com este título suavíssimo seja a Virgem doravante honrada e invocada por todo o povo cristão*”.

Com estas palavras todos os Padres Conciliares ficaram de pé e aplaudiram.

No Concílio, o Papa João Paulo II, na época, fazia parte do grupo dos bispos que tinham solicitado a adoção deste título: “Maria, Mãe da Igreja”. Para demonstrar a sua afeição por esta invocação, mandou colocar um mosaico da Virgem e o menino Jesus, em uma das janelas do palácio apostólico

da Praça São Pedro. Foi também colocado seu brasão azul com a cruz amarela e o M em baixo desta oração que o acompanha: “*Totus Tuus*”, acrescentando: “*Mater Ecclesiae*”.

III – A ORAÇÃO E O CULTO MARIAL

EM MARIA, O DIÁLOGO DA SALVAÇÃO.

Em *Ecclesiam Suam*, (1964) primeira encíclica de Paulo VI sobre a eclesiologia, o Papa insiste entre outras coisas, na necessidade do culto marial na missão da Igreja¹. Ele escreve que a raiz do diálogo da Salvação está no momento em que Deus encontrou o homem. Ora, este encontro entre Deus e o homem, assim tão próximos, se realizou no seio de Maria, pois nela, Deus e a criatura fazem-se um.

O Concílio de Éfeso já havia afirmado que tudo o que foi dito de Deus, poderíamos dizer do homem e vice-versa. Em Jesus Cristo, Deus nasceu, sofreu e morreu, mas também podemos dizer que em Jesus Cristo, a criatura se tornou eterna. Este é o centro da nossa fé. Nós o proclamamos no terceiro prefácio da Natividade. Assim, em Maria, o diálogo da Salvação se realiza perfeitamente. O Fiat da humilde serva está perfeitamente em concordância com o Fiat de Deus pronunciado em Jesus Cristo. A resposta da criatura está em conformidade com o dom de Deus; trata-se do mesmo “sim”.

O CULTO MARIAL

Paulo VI comentará mais tarde esta expressão do Concílio “*culto marial*”, em cinco documentos:

- *O mês de maio consagrado à Maria* (1965)
- *Signum Magnum* (de 13 de maio de 1967). Esta exortação apostólica: “*Um grande sinal do Céu*”, escrita por ocasião do aniversário de 50 anos das aparições de Fátima, propõe “*a veneração e a imitação de Maria, Mãe da Igreja, modelo de todas as virtudes*”.

- *A Mãe de Cristo* (1968)
- *O mês de outubro, mês do Rosário* (1969)
- *Marialis Cultus* (1974)

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA “*MARIALIS CULTUS*”

2 de fevereiro de 1974 (MC)

Em *Marialis Cultus*, Paulo VI lembra a homenagem feita a Maria no Concílio de Éfeso, em 431, onde ela foi saudada com o título de “*Théotokos*”, Mãe de Deus.

- Na introdução, Paulo VI destaca que: a “*devoção para com a Virgem Maria, inserida, conforme acima aludimos, no núcleo do único culto que, com razão e justiça, é chamado "cristão", pois de Cristo se origina e assume eficácia, em Cristo encontra completa expressão e por meio de Cristo, no Espírito, conduz ao Pai...*”

- Na primeira parte, Paulo VI convida os fiéis a refletirem sobre algumas questões referentes à liturgia e ao culto da Virgem Maria.

- Na segunda parte, ele propõe considerações e diretivas aptas a favorecer o legítimo desenvolvimento do culto marial.

- Enfim, na terceira parte, algumas reflexões são sugeridas para rezar com mais fervor a oração do Ângelus e o Rosário.

1ª parte: O CULTO DA VIRGEM SANTÍSSIMA NA LITURGIA

1 - A VIRGEM NA LITURGIA ROMANA RESTAURADA

Paulo VI mostra o lugar de Maria na liturgia eclesial restaurada. O culto marial não é uma devoção particular, ela está no centro do culto cristão dedicado ao Cristo:

“A liturgia romana restaurada inseriu...a memória da Mãe, no ciclo anual dos mistérios do Filho”.

AS FESTAS MARIAIS

Paulo VI comenta as festas mariais no missal romano, destacando ainda mais o vínculo que une a memória da Mãe ao ciclo anual dos mistérios do Filho:

- **O tempo do Advento**, considerando o amor com o qual a Virgem esperava o Filho.
- **O tempo do Natal** com a solenidade do Nascimento e a veneração de sua Mãe.
- Às duas solenidades da **Imaculada Conceição** e da **Maternidade divina**, é preciso acrescentar a celebração de **25 de março**, todas três relacionadas mais diretamente ao mistério da Encarnação.
- E a **solenidade de 15 de agosto** celebra sua glorificação e sua perfeita configuração ao Cristo ressuscitado.
- Após estas solenidades, devemos considerar **algumas celebrações comemorando eventos da salvação** nos quais Maria esteve estreitamente associada ao seu Filho (a natividade de Maria, a Visitação, Nossa Senhora das Dores).
- A festa de **2 de fevereiro** é uma memória conjugada da Mãe e do Filho.

AS ORAÇÕES EUCARÍSTICAS FAZEM MEMÓRIA DE MARIA

Paulo VI não deixa de destacar que, em todas as orações eucarísticas do Oriente e do Ocidente, a Igreja faz memória de maneira significativa da Mãe do Senhor (cf. MC 10).

“Unidos na mesma comunhão, veneramos primeiramente a memória da gloriosa sempre Virgem Maria, Mãe do Nosso Deus e Senhor, Jesus Cristo”; de igual modo, a recente prece eucarística III, que exprime com intensa súplica o desejo dos que oram, de compartilhar com a Mãe a herança de filhos: Que Ele “faça de nós uma oferenda perfeita para alcançarmos a vida eterna, com os vossos santos, junto à Virgem Maria, a bem-aventurada Mãe de Deus”. Uma tal evocação cotidiana, pelo lugar em que foi colocada, no coração do Sacrifício divino, deve ser considerada como uma forma particularmente expressiva do culto que a Igreja tributa à “bem-amada do Altíssimo” (cf. Lc 1,28)” (MC 10).

O livro da Liturgia das Horas contém também, testemunhos de piedade à Mãe de Deus, por exemplo, nos hinos, nas antífonas, nas orações de intercessão das Laudes e Vésperas. A memória da Virgem é retomada com um ritmo frequente.

2 – A VIRGEM É O MODELO DA IGREJA NO EXERCÍCIO DO CULTO

Paulo VI descreve Maria como o modelo do verdadeiro culto divino. Ele aprofunda um aspecto particular da relação existente entre Maria e a Liturgia, em outras palavras diz : Maria, modelo de atitude espiritual com a qual a Igreja celebra e vive os mistérios divinos. Portanto, a Igreja presta um culto a Maria (MC, 16) e reconhece nela o **modelo de sua oração**. Ela é a Virgem que sabe ouvir

(MC 17), a Virgem orante (MC, 18), a Virgem fecunda (MC, 19), a Virgem oferente (MC, 20), eminentemente associada ao Redentor. Modelo de toda a Igreja no exercício do culto divino, Maria é a mestra de vida espiritual para cada um dos cristãos (MC, 21).

2ª parte: PARA A RENOVAÇÃO DA PIEDADE MARIANA

Nesta segunda parte, Paulo VI dá diretrizes para o culto marial : este culto deve estar orientado para a Trindade, para o Cristo e a Igreja. Ele lembra assim o **aspecto trinitário, cristológico e eclesial** do culto à Virgem Maria.

“O culto cristão, de fato, é por sua natureza culto ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, ou, conforme se expressa na Liturgia, ao Pai por Cristo no Espírito. Nesta perspectiva, torna-se ele extensivo, legitimamente, se bem que de maneira substancialmente diversa, em primeiro lugar e de modo singular, à Mãe do Senhor... Na Virgem Maria, de fato, tudo é relativo a Cristo e dependente d'Ele: foi em vista d'Ele que Deus Pai, desde toda a eternidade, a escolheu Mãe toda santa e a plenificou com dons do Espírito a ninguém mais concedidos” (MC, 25).

Então, seguindo ainda a linha do ensinamento conciliar, Paulo VI acrescentou que o culto marial deve se apoiar em um fundamento **bíblico**, e através deste, ser aceitável do ponto de vista **ecumênico**; tudo isto sem descuidar dos acentos **antropológicos**.

O culto marial está enraizado na **Bíblia** e na Tradição. Ele não foi constituído por uma série de pequenas festas particulares, mas está relacionado ao *grande mistério da aliança entre Deus e o homem*. Maria está presente em toda a história da salvação. Ela é a nova Eva que acompanha o caminho do novo Adão. Ela é a criatura humana mais adequada ao desejo da Aliança de Deus.

Do ponto de vista **antropológico**, Maria aparece como a mulher forte que, com as outras santas mulheres, mantêm-se firmes neste lugar de agonia que a maioria dos discípulos homens, abandonou. Maria vive totalmente a serviço de seu Filho, colocando-se à sua disposição, segundo sua necessidade e vontade. A veneração à Virgem é o caminho mais seguro e concreto de aproximação do Cristo.

Ao meditar sobre a vida de Maria, aprendemos o que é viver para Cristo e com Cristo na vida diária, em uma profunda intimidade.

3ª parte: INDICAÇÕES SOBRE DOIS EXERCÍCIOS DE PIEDADE: “O ÂNGELUS ” E O SANTO ROSÁRIO

Na terceira parte Paulo VI promoveu a recitação do Ângelus, do Rosário como um desdobramento da Liturgia das Horas, imergindo ininterruptamente o tempo dos homens na eternidade de Deus. De fato, as orações mariais nos conduzem sempre à proximidade concreta com o Senhor e com todo o mistério da Redenção.

ÂNGELUS

As três fórmulas curtas do Ângelus são cristocêntricas : anúncio da Encarnação, consentimento da Virgem e a realização em si da Encarnação.

A oração do Ângelus *“não tem necessidade de ser restaurada: a estrutura simples, o caráter bíblico, a origem histórica que a liga à invocação da incolumidade na paz, o ritmo quase litúrgico que santifica momentos diversos do dia, a abertura para o Mistério Pascal, em virtude da qual, ao mesmo tempo em que comemoramos a Encarnação do Filho de Deus, pedimos para ser conduzidos,*

"pela sua paixão e morte na Cruz, a glória da ressurreição", fazem com que ele, à distância de séculos, conserve inalterado o seu valor e intacto o seu frescor" (MC,41).

O ROSÁRIO

Este modo de oração marial reúne toda a história da salvação, a representação concreta dos mistérios da vida de Jesus: sua juventude, seu ministério, o fim de sua vida pública na Paixão, sua Ressurreição e sua conclusão, na qual ele introduz também Maria como arquétipo da Igreja.

Maria é apresentada como o ponto de apoio. Nela, o mistério da Trindade aparece pela primeira vez. Depois, ela acompanha o Deus encarnado desde o berço até o túmulo e, vai além, até a vida glorificada. Maria está associada à trajetória de Jesus até a sua Assunção ao Céu.

IV – A MEDIAÇÃO MATERNAL DE MARIA

Em 1987, o Papa João Paulo II proclama um Ano marial para destacar a presença especial da Mãe de Deus no mistério do Cristo e de sua Igreja (RM 48, 2) e acompanhar esta mesma Igreja em sua caminhada para o Jubileu do Ano 2000 (RM 49). João Paulo II escolheu:

- começar este Ano Marial na solenidade de Pentecostes (7 de junho de 1987) para ressaltar que a Igreja deve redescobrir sua natureza a partir de Maria;
- e terminar no dia da festa da Assunção (15 de agosto de 1988) que reflete a humanidade já salva em Maria.

A escolha destas duas datas é uma maneira de sublinhar que Maria se encontra no início da vida da Igreja e que ela a acompanha até o fim.

Para celebrar este Ano Marial, João Paulo II publicou em 25 de março de 1987 a encíclica *Redemptoris Mater* (RM) na qual ele retoma os ensinamentos do Concílio Vaticano II e partilha sua experiência espiritual da presença de Maria na vida da Igreja e de cada cristão.

A MÃE DO CRISTO SE DOA COMO MÃE AOS HOMENS (RM 23).

Nas palavras: *"Eis aí tua mãe"*, João Paulo II vê Cristo, na Cruz, entregando o seu testamento: *"A maternidade de Maria...é um dom: um dom que o próprio Cristo faz a cada homem pessoalmente"* (RM 45). O Papa continua sua meditação sobre a palavra através da qual se conclui a cena do Calvário: *"E dessa hora em diante, o discípulo recebeu-a em sua casa"* (Jo 19,27), e ele dá uma interpretação muito sutil. Quando traduzimos literalmente esta frase, podemos ler: "Ele a acolheu em sua própria casa". Isto significa, de acordo com João Paulo II, que se estabelece uma relação de intimidade entre o discípulo e Maria: *"Assim se exerce a maternidade segundo o Espírito, que se tornou função de Maria aos pés da Cruz e no Cenáculo"* (RM 45, 4). Por isso que se entregando filialmente a Maria, o discípulo entra no esplendor da fé de Maria e participa de sua fé.

A MEDIAÇÃO DE MARIA

Em seguida, João Paulo II desenvolve o tema da mediação de Maria. Embora, o Concílio Vaticano II já tivesse mencionado o título de *"mediadora"* e falado explicitamente sobre a mediação de Maria, nunca até então, tinha sido abordado nos documentos do Magistério de maneira detalhada. A encíclica não avança em relação ao concílio, mas aprofunda os princípios dando-lhes um novo peso para a teologia e a piedade. Esta expressão *"mediação de Maria"* constitui o título da terceira parte da encíclica.

O Papa destaca com vigor a mediação de Jesus Cristo. Não existem duas mediações, existe apenas uma mediação: a do Cristo. A mediação de Maria não se acrescenta a do único mediador, como também a dos santos não se acrescenta a de Maria. Não existe entre Deus e nós, mediações em cascatas, mas união total de Deus e dos homens em Jesus. Mas, é nesta união que devemos entrar, é nesta união que encontramos a presença ativa de Maria e dos santos.

A mediação do Cristo se realiza **em Maria** e a mediação de Maria repousa na participação da função mediadora do Cristo: é “*uma mediação no Cristo*”, “*uma mediação sempre subordinada*”, comparada a um serviço (RM 38,4). Esta mediação de Maria “*dimana da superabundância dos méritos de Cristo, funda-se na sua mediação, dela depende absolutamente, haurindo aí toda a sua eficácia*” (RM 38, 1), “*uma mediação especial e excepcional, fundamentada na plenitude de graça*” (RM 39, 4), uma mediação que é sempre “*uma participação nesta única fonte, que é a mediação do próprio Cristo*” (RM 38, 5).

A MEDIAÇÃO DE UMA MÃE

João Paulo II vai mais longe. Mesmo se a mediação de Maria situa-se no plano da “*participação de toda a criatura*” à obra do Redentor, ela possui, no entanto, um caracter original. O papa qualifica esta mediação como “*maternal*”. Este adjetivo “*maternal*” nos direciona ao próprio ser de Maria; a mediação de Maria está estreitamente ligada à sua maternidade, é a “*mediação de uma Mãe*”, daquela que coloca Jesus no mundo. Maria está associada à missão do Cristo mediador à maneira de uma mãe, “*põe-se de ‘permeio’, isto é, faz-se mediadora, não como uma estranha, mas na sua posição de mãe*” (RM 21) e ela exerce esta mediação maternal através de sua intercessão: “*a maternidade de Maria perdura incessantemente na Igreja, como mediação que intercede*” (RM 40, 2). A intercessão de Maria está no começo da vinda do Espírito.

A MEDIAÇÃO MATERNAL DE MARIA FAVORECE A UNIÃO IMEDIATA DOS CRENTES COM O CRISTO

O Papa cita um parágrafo essencial do Capítulo VIII da Lumen Gentium (nº 60): “*o nosso mediador é só um, segundo a palavra do Apóstolo: ‘não há senão um Deus e um mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo (1 Tm 2, 5-6) ... Mas, (que não é um ‘mas’ de oposição), a função maternal de Maria para com os homens, de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta antes a sua eficácia... de modo nenhum impede a união imediata dos fiéis com Cristo, antes o favorece*” (RM 38, 2).

Esta última frase é absolutamente desconcertante para nossa lógica humana. Maria deixa passar através de si a graça, da qual está plena. A mediação de Maria favorece a união imediata dos fiéis com o Cristo. Portanto, de uma certa maneira, podemos dizer que sua mediação maternal favorece a ausência de mediação!

Do mesmo modo, se não existisse esta mediação maternal, não mais existiria a imediata união com o Cristo, pois, não passamos de pobres pecadores que refletimos a partir de nós mesmos, colocando-nos sempre no centro e, por isso, ficando continuamente distante do Cristo. Sem a mediação materna de Maria, somos unidos ao Cristo de maneira imperfeita, de acordo com a nossa pobre fé; enquanto, nela, somos gerados para a vida de Deus. Esta é a sua função de mãe: fazer de nós filhos semelhantes ao Filho que ela teve na terra.

A IGREJA PARTICIPA NA FÉ DE MARIA

Figura maternal da Igreja, Maria é a “*via alimentar*” que Jesus partilha conosco e onde podemos encontrá-Lo. Ela nos faz viver desta vida de graça que somente Cristo comunica.

A correspondência entre a Encarnação de Jesus por obra do Espírito Santo e o nascimento da Igreja pela ação do Espírito Santo é imensa:

“a pessoa que une estes dois momentos é Maria... Em ambos os casos, a sua presença discreta, mas essencial, indica a via do ‘nascimento do Espírito’” (RM 24, 4).

Na base daquilo que é desde o início... encontra-se Maria... A fé de Maria... precede o testemunho apostólico da Igreja e permanece no coração da mesma Igreja, escondida como uma herança especial da revelação de Deus. Todos aqueles que... começam a participar nessa herança misteriosa, participam, em certo sentido, na fé de Maria” (RM 27, 1).

Em Pentecostes a Igreja participa da fé de Maria. Maria acompanha profundamente os apóstolos pela oração e continua bem próxima de nós. **No coração da Igreja, Maria é uma presença de fé** que deixa passar perfeitamente, através dela, o poder do Espírito. Sua ação maternal se exerce em toda a Igreja, que ela prepara e dispõe para receber a graça do Cristo.

Com João Paulo II compreendemos que nós também devemos participar da fé de Maria para avançar com a Igreja em sua peregrinação. Sem a mediação de nossa Mãe, pela fé, permanecemos limitados em nossa pobre fé e nossa capacidade de acolher o Cristo é, portanto, imperfeita. Na fé do coração de Maria, a vida divina nos é comunicada. Tornando-nos um com ela, somos totalmente receptivos ao dom do Espírito Santo.

Em pé junto à Cruz, Maria representa a Igreja, ela é o coração da Igreja unido ao coração de Jesus. João Paulo II explica que quando Maria está aos pés da Cruz do seu Filho, nós somos testemunhas da mais profunda ‘kénose’, a mais cruel que poderia ter acontecido na história da humanidade, porque não somente Maria teve que entregar o que ela mesmo já ofereceu, mas também o que o próprio Deus lhe deu: seu Filho, seu único Filho, aquele que ela amava. Maria já ofertou tudo de si mesma para ser totalmente disponível ao Dom de Deus. Ela deve ir até o fim do sacrifício, pois o Pai vai até o fim, ele entregou o Filho de seu Amor e a Mãe fez o mesmo. Maria esta lá inteiramente unida ao seu Filho, seu abandono é um eco do grito de Jesus na Cruz. Ela é a primeira a seguir o Cristo até o fim, como ele pediu. (cf. RM, 18).

Participando da fé de Maria quando ela está aos pés da Cruz do seu Filho, participamos *“...mediante a fé no mistério desconcertante desse despojamento. Isso constitui, talvez, a mais profunda ‘kénose’ da fé na história da humanidade”* (RM 18, 3), uma fé perfeitamente unida ao Cristo em seu despojamento; aprendemos a seguir o Cristo até o seu despojamento: *“Ele que não se prevaleceu de sua condição divina, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens... até a morte.”* (Fp 2,6-8).

Maria nos introduz no caminho da Páscoa. Com ela, aprendemos a deixar que Deus nos conduza para onde Ele mesmo quis ir: aprendemos a nos despojar de “nossa posição” para deixar que cresça em nós a parte de Deus. O caminho que os discípulos de Cristo devem seguir é o do rebaixamento e do amor humilde. Foi o que viveu São José. Ele que estava mais próximo de Maria, aprendeu com ela a renunciar a sua parte humana para receber unicamente a parte de Deus.

MARIA ESTÁ NO CENTRO DA ORAÇÃO DA IGREJA, NO CORAÇÃO DA EUCARISTIA.

Em 2004, João Paulo II desejou que o Ano da Eucaristia acontecesse após o ano do Rosário (de outubro de 2002 a outubro de 2003) ressaltando que Maria nos introduz no mistério da Eucaristia, pois a Mãe de Deus pode ser chamada, de uma certa maneira, Mãe da Eucaristia, já que o Santíssimo Sacramento é o próprio Corpo do Filho de Maria. Ela é a “mulher eucarística” por excelência.

“Junto à Cruz de Jesus estava de pé sua mãe”

Aos pés da Cruz, Maria está plenamente associada ao sacrifício de seu Filho. Quando o soldado romano transpassa o coração de Jesus, que já está morto, é Maria que, de pé junto a Cruz, recebe este golpe em sua alma, de acordo com a profecia do velho Simeão: “*uma espada te transpassará o coração*”. É o coração aberto de Maria que recebe o sangue que jorra do coração aberto de Jesus. A existência de Maria emana inteiramente do lado aberto Daquele que é somente “Dom”.

Doravante, nenhuma missa pode ser celebrada sem a presença de Maria. A missa é o sacrifício da Cruz tornado sacramentalmente presente e a Virgem está junto aos nossos altares, de pé, como a figura da Igreja que oferece e recebe o dom de Deus.

Deus se entrega aos pés da Cruz e o altar está colocado aos pés da Cruz; é lá que nós estamos. Se nós estamos lá, é porque Maria também está...Do contrário, seríamos como o discípulo João que não acreditava nisto: ele estava junto a Cruz, ele tinha seguido Jesus como podia, mas só acreditou a partir da página seguinte do Evangelho, quando viu o lençol enrolado: “*ele viu e acreditou*”; até ali, ele não acreditava. Contudo, mesmo se ninguém acredita nisso, ainda assim, Deus se entrega, porque existe uma que acredita genuinamente, existe uma que O recebe com um sim perfeito: Maria. Sem ela, Deus não poderia doar-se, pois, não haveria ninguém para O receber.

A fé da Igreja

Maria nos mostra o caminho da fé. Ela é a fé da Igreja; a primeira cristã. É por ela e com ela que aprendemos a ter confiança, a nos abandonarmos, a sermos fiéis. A questão: “*Quem na Igreja pode realmente acolher toda a graça ofertada em um sacramento e responder a esta graça ?*” Urs von Balthazar responde: somente a Igreja Imaculada! Certamente os membros da Igreja são os “receptores” imperfeitos do dom de Deus, mas por trás desta recepção imperfeita, existe a daquela que O recebe com o sim perfeito.

Urs von Balthazar fez um comentário interessante sobre o lugar de Maria no coração da oração da Igreja, antes da comunhão eucarística: “*Quem de nós na santa comunhão recebe o Filho, tão perfeitamente, quanto ele que se entrega a si mesmo? Com razão o padre diz, antes da comunhão : ‘Não olheis os nossos pecados, mas a fé que anima a vossa Igreja’*”². Devemos observar que, se a Igreja é o padre e a assembleia presente, é melhor que o Senhor não olhe de perto a fé de sua Igreja! Mas, se **no coração de sua Igreja, existe Maria, este perfeito ato de fé, puro e total**, então Deus pode olhar esta fonte límpida que é a fé de Maria, seu sim imaculado, sem nenhuma objeção, sem nenhuma restrição ao projeto de Deus. Se, por trás do sim enfraquecido dos membros da Igreja existe aquela que O recebe com o sim perfeito, então Deus pode doar-se inteiramente. Neste sim perfeito de Maria, a Igreja é, desde agora, a *esposa sem mácula, nem ruga* (Ef 5, 27).

V – MARIA E O MISTÉRIO DA MULHER *MULIERIS DIGNITATEM (1988)*

Para concluir o ano Marial no dia 15 de agosto de 1988, João Paulo II publicou uma Carta apostólica: *Mulieris dignitatem* ou *A dignidade da mulher*. Esta Carta oferece uma bela e precisa meditação sobre o ser humano concebido à imagem de Deus, e sobre a vocação cristã da mulher. Maria ao lado de Cristo é a mulher, a Humanidade que chega à plenitude dos tempos. Ela é o ser humano mais autêntico, inteiramente unida a Deus, serva à imagem do Cristo Servo.

No começo da Carta, o Papa lembra uma passagem essencial do Concílio, destacando que Maria se deixa ver na luz do Cristo, existe somente em relação com ele, e nos convida a olhar, nesta luz,

cada ser humano, homem e mulher, neste Cristo que “*revela o homem a si mesmo e lhe manifesta a sublimidade de sua vocação sublime*”³

Maria não pode constituir um elemento isolado de nossa fé. Totalmente unida a Deus, ela oferece ao homem o rosto de uma criatura, finalmente, restituída à sua vocação de existir à imagem e semelhança do seu Criador. O ser humano, homem e mulher, “*não pode encontrar-se plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo*”⁴ Com certeza, Cristo é o homem realizado em sua total plenitude, é o Novo Adão, mas Ele teve que ser acolhido em uma humanidade totalmente disponível, sem o qual seu amor não poderia se impor e Ele permaneceria ainda na porta. Mas, uma mulher foi encontrada, com uma disponibilidade a oferecer, pronta para gerar a vida sem misturar a isto a mínima vontade de poder. Ao lado do Novo Adão, Filho de Deus feito homem, podemos ver, do lado da criatura, a Nova Eva, a Mulher, totalmente revestida da graça de seu Deus.

João Paulo II medita longamente sobre este mistério da humanidade infinitamente recriada, homem e mulher, na disponibilidade ao amor graças ao sim de Maria. Dócil ao Espírito Santo, ela abre a humanidade para uma relação de Aliança. Ela é o testemunho da primeira relação jamais rompida.

Portanto: “*toda humanidade, masculina e feminina deve se reconhecer em uma atitude essencialmente receptiva*”. É por isso que o modelo da humanidade é essencialmente “feminino”. Temos que nos abandonar a esta “**humanidade feminina**” **para receber o dom de Deus**”. A mulher está aberta a um Dom que a ultrapassa infinitamente. A humanidade não oferece a Salvação, ela a recebe.

CONCLUSÃO

Maria nos conduz, portanto, a uma descoberta e a um aprofundamento do mistério de Deus e do mistério do homem. Estamos no **centro** do mistério da fé. Saímos do quadro de uma devoção sentimental e deixada à liberdade de cada um. Maria introduz a humanidade a uma existência de relação, a humanidade tem necessidade de deixar que nela seja gerada esta vida de Deus; tem necessidade de uma Mãe para fazer a experiência da Paternidade de Deus e de uma verdadeira fraternidade humana.

Associada pela sua fé, por seu sim ao dom da graça, Maria é realmente mediadora do amor gratuito, local da fonte onde vem repousar o Espírito. Ela gera a nova humanidade, a Igreja; ela mesma é esta Igreja em sua primeira manifestação e em sua realização final.

Esta reflexão dos Padres Conciliares, do Magistério e dos cristãos do nosso tempo, sobre a vida da Igreja e sua missão, permite o reconhecimento da obra de Deus perfeitamente realizada em Maria, modelo do mistério da vocação da humanidade.

Como não sermos gratas a Santa Luísa por ter pedido à Companhia para tomar Maria como “Única Mãe”? No cruzamento do Dom de Deus e do acolhimento pela fé, Maria é nosso modelo para nos ensinar a acolher a graça de Deus, a receber seu Espírito de humildade, de simplicidade e de caridade, para que, através de nossa pessoa e nosso serviço, seja o Senhor que ame os pobres.

Irmã Anne PRÉVOST
Filha da Caridade

Nota:

¹ Em um contexto ecumênico esta insistência será renovada alguns anos mais tarde na encíclica *Marialis cultus*.

² Hans Urs von Balthazar, *Marie première Eglise* (1998).

³ *Gaudium et Spes*, n° 22

⁴ *Gaudium et Spes*, n° 24

DESAFIOS ATUAIS

Província de Pamplona

Colégio Nossa Senhora do Carmo e São José
em Saragoça

"Um lugar para todos"

O coração histórico da cidade bate em ritmo de abertura ao mundo.

Há muitos anos, o bairro é habitado por famílias de migrantes, cuja maioria é de ciganos. A realidade da marginalização e da exclusão social neste bairro é sempre muito preocupante, é o principal lugar de pobreza e de exclusão de Saragoça.

Neste antigo bairro, muitas ruas são estreitas, sombrias e sujas; a maioria das casas é antiga e algumas estão caindo aos pedaços, por isso estão contruindo outros tipos de casas.

Muitas vezes, várias famílias compartilham a mesma casa, com consequências prejudiciais: conflitos causados pela diferença de cultura.

Existe uma grande diversidade linguística : o espanhol que facilita a integração daqueles que vêm da América Latina; muitos da África falam árabe, mas como suas regiões são muito diferentes, eles se expressam normalmente nos seus diversos dialetos, existem Portugueses, famílias da Europa do Leste (Romenas, Búlgaras, Ucríanianas) e mesmo famílias que vêm da China.

Em relação à religião: existem muitos católicos, mas também muçulmanos, ortodoxos, adventistas, testemunhas de Jeová e outras seitas, além de uma quantidade cada vez maior de pessoas que afirmam nunca terem ouvido falar de Deus.

Várias comunidades das Filhas da Caridade estão presentes neste bairro e engajadas em diferentes atividades sociais. Nosso colégio é um centro privado, sob contrato, que acolhe alunos de 25 nacionalidades dos cinco continentes, vivendo neste bairro. Este colégio tem uma história.

HISTÓRIA

Na segunda metade do século XIX, a escola foi fundada por uma piedosa senhora, chamada Benita Lobo, que reunia algumas crianças para dar-lhes uma educação cristã. Ela chamou sua escola de: "*Escola da caridade para as crianças pobres*" e a colocou sob a proteção de Nossa Senhora do Carmo e de São José. O povo a batizou como: "*Acolhimento do Carmo e de São José*".

Em 1896, as Filhas da Caridade assumiram a direção do abrigo. Desde o início, o objetivo da obra estava claro: receber ao longo do ano, as crianças de famílias pobres.

Quando a primeira instalação se tornou muito antiga, as Irmãs buscaram um outro lugar para continuar a acolher mais de 300 crianças, fazendo constantes apelos à generosidade da população.

Em 1940, após muitas dificuldades, um novo prédio foi construído, graças à criatividade das Irmãs. Trata-se da atual escola. Os jornais do bairro ficaram responsáveis em divulgar a iniciativa; amigos arquitetos desenharam os planos; campanhas de sensibilização pública foram organizadas e o povo colaborou com generosidade.

Progressivamente, a vizinhança foi se transformando: muitos imigrantes se instalaram no bairro e assim como os ciganos que vivem em caravanas matricularam seus filhos na escola. Esta situação levou as famílias de classe média a matricularem seus filhos em outras escolas. Deste modo, chegamos à situação atual: quase 80% dos alunos são filhos de imigrantes de 25 nacionalidades diferentes.

RESOLUÇÕES TOMADAS PELA COMUNIDADE

"Ao término desta vida, sereis julgados pelo AMOR"... não sabemos como será este julgamento, porém, devemos para ele nos preparar diariamente, por: .

Deixarmo-nos evangelizar

Estamos convencidas de que nosso ambiente social influencia nossa maneira de perceber os migrantes assim como a maneira como nos situarmos em relação aos outros... Vivemos em um bairro onde os migrantes moram e, para nós, é um verdadeiro presente de Deus.

Deixarmo-nos questionar pelas causas da imigração.

Este centro escolar nos oferece a oportunidade de olharmos juntos, de onde vem a maioria dos nossos alunos. As famílias do Colégio e os alunos vivenciaram situações que vemos nos meios de comunicação... eles lutaram para deixar seus países e pagaram sua viagem: hipotecaram a casa, deixaram dívidas para a família... quantas vezes, em nossa oração comunitária, pedimos a Deus para dar-lhes coragem, diante de tanto sofrimento pelos quais passaram para chegar até aqui, deixando tudo para trás!

Favorecer cada um para que possa crescer de acordo com sua identidade, sua cultura, sua religião...

Os alunos crescem no colégio, bem conscientes de sua situação. Eles sabem que devem respeitar-se em suas diferenças e que existem muitas coisas que os unem; cada um deve conhecer a religião de seus colegas para se enriquecer, sem renunciar à sua identidade, nem rejeitar o outro por causa de suas diferenças, assim se concretiza a divisa de nosso Colégio: "um lugar para todos".

Em nosso colégio, celebramos o "dia de todos os Credos e da Paz". Neste dia, insistimos sobre esta verdade: Deus é Amor em todas as religiões e ele deseja que rezemos e façamos juntos gestos pela paz. Por ocasião da Páscoa Cristã, todos os anos celebramos a Vida, porque Deus quer que todos os homens e mulheres tenham vida em plenitude, como Jesus.

Estes são pequenos atos que esperamos que ajudem nossos alunos a adquirir bases sólidas a partir das quais poderão construir um futuro de paz para viver e trabalhar juntos, compartilhar a amizade e o amor, tudo isso de uma maneira natural porque terão aprendido isto desde sua infância... é um sonho que pode tornar-se uma realidade.

Acreditar que humanizar é evangelizar

O Colégio é um lugar privilegiado para aprender a ser humano, a se construir como pessoa. Primeiramente é a qualidade de nosso acolhimento, de nossa escuta, do nosso respeito pela caminhada dos jovens, que evangeliza.

O olhar de Jesus mudava quando ele se encontrava com os estrangeiros? Como Ele agia nestes casos? Vicente de Paulo convidava as Irmãs a se perguntarem com frequência: "O que faria Jesus

Cristo? O que Jesus Cristo diria?” Ele era judeu, e encontrou muitos estrangeiros e falou com eles. Por exemplo, a Cananeia: ela “grita” e os discípulos querem mandá-la embora... e Jesus se deixou tocar por ela, escuta e compreende o pensamento desta mulher e termina admirando-a.

Esta passagem evangélica sobre a Cananeia nos revela que o sofrimento humano é o mesmo, quer se seja judeu ou estrangeiro, e suscita nosso compromisso a estarmos presentes lá onde estamos e reconhecer a presença de Deus no coração dos outros, quaisquer que eles sejam.

ABRIR AS PORTAS...CONSTRUIR PONTES

Conviver com pessoas diferentes me tem enriquecido muito. Após quase vinte anos de serviço, no seguimento do Cristo, sou muito grata e convicta de que minha vida tem sentido, estando ao lado daqueles que estão em grandes dificuldades, aqueles que deixaram sua terra e sua família para buscar um futuro melhor.

O Colégio sempre prestou serviço à população pobre, mas com a chegada das famílias migrantes passando por grandes necessidades; os ciganos, etc., tudo isto definitivamente abriu as portas de nosso Colégio para uma grande diversidade.

Esta escolha não foi aceita por todos, inúmeras famílias deixaram o Colégio, os professores tinham medo de uma queda de nível nos estudos, mas nós havíamos iniciado um caminho sem volta e sabíamos muito bem que esta opção pelos mais pobres exigiria muito esforço de nossa parte. Mudanças foram necessárias no plano da estrutura do colégio, da pedagogia, da organização em geral, mas a mudança mais importante foi a do nosso coração.

Descobri, pouco a pouco, a grande riqueza da diversidade linguística, religiosa e cultura. O medo do desconhecido se dissipou, estas pessoas agora para mim, tinham nome e rostos concretos. Elas me ajudaram a compreender que somente a partir da simplicidade e da proximidade é que se pode construir um mundo mais fraterno. Elas são para mim palavras do Evangelho e fazem avançar a construção do Reino de Deus.

Nesta situação particular, suscitar experiências educativas positivas no interior do colégio não é um compromisso fácil, mas o fato de que toda a comunidade educativa se tenha comprometido, me faz pensar mais do que nunca que “o amor é inventivo até o infinito”.

Haveria ainda muito a dizer, mas sem dúvida que, neste processo, todos nós aprendemos que é importante ter um coração aberto à diferença onde cada pessoa encontre o seu lugar.

Irmã Maria Carmen Saz
Filha da Caridade

ALGUNS TESTEMUNHOS DOS JOVENS

Deixei meu país à procura de minha mãe.

Tenho 17 anos e estudei no Colégio. Sou da Nigéria, um país maravilhoso onde vive um povo encantador. Eu vivia com meus pais e meus dois irmãos. Os problemas começaram quando eu tinha oito anos. Meu pai nos abandonou; ele não amava mais a minha mãe e ela não tinha dinheiro para nos alimentar. Então, ela teve a ideia de partir para a Espanha em busca de trabalho. Quando ela partiu, eu e meus irmãos fomos viver na casa da nossa avó.

No entanto, pouco tempo depois minha avó morreu. A vida se tornou muito dura. Não tínhamos amigos, nem dinheiro, ninguém se ocupava conosco e ficamos sozinhos. Tivemos que ir para a casa do meu avô que vivia com uma outra mulher que não gostava de nós, e eu jamais fui à escola.

Eu prefiro não falar deste período; meus irmãos e eu fugimos desta casa. Comecei a procurar um trabalho que consegui depois de quinze dias: trabalho duro de limpeza, para uma garota de 11 anos. O salário era muito baixo, mas eu estava contente porque ele me permitia pagar o aluguel da casa e comprar comida, Esta situação durou alguns anos, até que um dia falei a meus irmãos que eu queria ir para a Espanha, para encontrar com nossa mãe. Aproveitei a ocasião de uma viagem organizada por alguns homens, que partiriam no dia seguinte, em um pequeno barco clandestino. Deixei um pouco de dinheiro para os meus irmãos e parti dizendo-lhes que logo voltaria para buscá-los.

Nós éramos dez nesta viagem, eu estava com muito medo porque sabia dos perigos. Quando chegamos à Espanha, a polícia prendeu muitos membros do grupo que foram imediatamente enviados a Marrocos. Eu tinha pedido a Deus para me ajudar e Ele assim o fez. Os homens da tripulação foram algemados e eu consegui escapar. Uma mulher me ajudou a encontrar minha mãe em Saragoça.

Nossa experiência de encontro

Somos alunos do ensino médio, os maiores do Colégio, que em breve vamos deixar. Nossos nomes expressam bem a nossa procedência: Precious, Chao Zhou, Marta, Yassine, Jhoymer, Andrei, Marie Paule, Isabel, Judith, Alioune...

Nós nos lembramos da nossa chegada ao Colégio, não compreendíamos nada do que era dito. Quando entramos no pátio e depois na sala, tivemos saudade do nosso país e do que tínhamos deixado, temendo não mais voltar. A cada manhã, o nosso pesadelo recomeçava.

No entanto, havia algo de gratificante no Colégio: ninguém nos considerava como estrangeiros; tínhamos muitos compatriotas que falavam a mesma língua e tinham a mesma religião.

Rapidamente, nos sentimos em casa e aprendemos a conhecer nossos colegas que são atualmente os nossos melhores amigos, mesmo se sua religião, seus costumes, e culturas são diferentes.

Agradecemos às pessoas que nos acolheram, os professores que nos apoiaram em nossos estudos e em nossas dificuldades, a todos aqueles que nos ensinaram que aprender não é somente ser instruído, mas também, enriquecer-se com as diferenças e crescer na tolerância e na partilha. Nossa gratidão se estende também aos que nos provaram que todos somos importantes.

Finalmente, queremos dizer a todos que conviver com outras culturas é um precioso enriquecimento. Foi isto que vivenciamos neste Colégio.

Alunos do 3º ano do ensino médio.

Atualidade das Províncias

VISITA DOS SUPERIORES

**Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
e Irmã Zofia Daniscakova, Conselheira geral**

**Visita à Província da Eslovênia
e da Região da Albânia
de 4 a 11 de novembro de 2012.**

“Conservem a esperança !” Foi o que Irmã Evelyne Franc, Superiora geral desejou às Irmãs da Província da Eslovênia e da Região da Albânia, no Kosovo.

VISITA À REGIÃO DA ALBÂNIA (Albânia e Kosovo)

Em 4 de novembro de 2012, a Visitadora da Província da Eslovênia, Irmã Bernarda Trecek, a Irmã Tonja Tushi, Responsável regional, e seu Conselho estavam muito felizes em acolher Irmã Evelyne e Irmã Zofia Daniscakova, conselheira geral, no aeroporto de Pristina no Kosovo.

O dia 5 de novembro foi bem preenchido. Após a oração e a Eucaristia celebrada em diversas línguas, as Irmãs das cinco Comunidades do Kosovo e algumas Irmãs da Albânia reuniram-se com a Irmã Evelyne, que ficou muito feliz ao ver o rosto jovem da Companhia no Kosovo: 57 Irmãs, dentre as quais 22 em formação inicial, com a média de idade de 41 anos.

Tanto no Kosovo como na Albânia, o Islamismo é a principal religião, o catolicismo é uma religião minoritária. Os pobres são numerosos nestes dois países marcados por longos anos de comunismo e pela guerra do Kosovo em 1999.

Todas as Irmãs apreciaram muito a palestra de Notre Mère sobre a fidelidade ao carisma e ao espírito da Companhia. As partilhas reforçaram em nós o sentimento de pertença e ampliaram nossos olhares para novos horizontes. Depois, as Conselheiras da Região da Albânia partilharam suas alegrias e suas preocupações. Terminamos o dia rezando as Vésperas com os pobres e os habitantes de Letnica, lugar de peregrinação, santuário da Santa Mãe de Deus. Até o ano de 2002 existia aqui uma Comunidade das Filhas da Caridade que, após um terremoto, teve que deixar a casa. Neste dia, o Bispo de Kosovo, Dom Dodë Gjergji veio abençoar e inaugurar a nova casa de Letnica. Depois foi oferecido um pequeno lanche durante o qual se reuniram alguns habitantes da cidade, alguns padres e Irmãs de várias Comunidades, Filhas da Caridade italianas, da Província de Nápoles que servem em Mollas, na Albânia.

No dia seguinte, Irmã Evelyne se encontrou com as Irmãs Serventes do Kosovo e da Albânia, assegurando-lhes seu apoio e suas orações pela missão que realizam. Cada Irmã Servente apresentou sua Comunidade. Depois houve um momento de partilha sobre suas alegrias e os desafios do serviço de Irmã Servente.

VISITA À PROVINCIA DA ESLOVÊNIA

A Província da Eslovênia é formada por vários países: Macedônia, Croácia e Eslovênia.

Em Macedônia

A visita continuou na Macedônia, país vizinho (ex-Iugoslávia) onde existem duas comunidades de Filhas da Caridade que pertencem a esta Província. Este país com 65% de ortodoxos e 33 % de muçulmanos se tornou independente em 1991.

Em Bitola, após um encontro com as Conferências de São Vicente de Paulo, Irmã Evelyne teve um diálogo com as três Irmãs da Comunidade que estão a serviço das pessoas idosas, dos doentes e dos desamparados, neste lugar distante, com poucos católicos.

Em Skopje, capital da Macedônia, as Irmãs acolhem os mais abandonados, prestam-lhes diferentes serviços e lhes distribuem alimentos. Aqueles que moram em vilarejos mais distantes são acolhidos na casa das Irmãs para esperar o momento de sua consulta no hospital ou seu encontro administrativo para obter os documentos de que necessitam. À noite, Notre Mère chegou à Ljubljana – capital da Eslovênia que, como os outros países da ex-Iugoslávia, tornou-se independente em 1991.

A Eslovênia

Os membros do Conselho provincial, o Diretor Provincial, o Padre Rock Gajsek, e outras Irmãs da Casa Provincial de Sentjakob deram as boas-vindas à Irmã Evelyne e à Irmã Zofia. Em todos os lugares por onde passaram foram aguardadas e acolhidas com entusiasmo e um grande espírito de fé.

No dia 8 de novembro, após a Eucaristia celebrada pelo Arcebispo de Ljubljana, Dom Anton Stres, cm, todas as Irmãs da Província escutaram Irmã Evelyne falar sobre a pertença à Companhia; em seguida houve um colóquio que lhe permitiu responder inúmeras perguntas e dar algumas orientações. O dia terminou com uma noite festiva destacando a beleza da música e dos cantos eslovênicos.

No dia 9 de novembro, após a missa celebrada pelo Padre Pavle Novak, Visitador da Congregação da Missão, a Irmã Evelyne dirige-se à Mirenski Grad para encontrar-se com as Irmãs e a Comunidade dos Lazaristas que são responsáveis por um centro espiritual e realizam igualmente um serviço pastoral.

Depois, ela visitou as Irmãs idosas na nova Casa de Repouso "Santa Catarina Labouré", em Menges. Após ter escutado as novidades da Companhia e as palavras de encorajamento de Irmã Evelyne, as Irmãs idosas radiantes de alegria, se comprometeram em rezar com muito mais fervor pelo mundo inteiro.

Os jovens da JMV aguardavam com impaciência o retorno das visitantes à Casa Provincial para partilhar com elas seu caminho espiritual e suas atividades apostólicas. Eles são muito gratos pelo apoio que encontram nas Irmãs, que abrem as portas de suas casas às famílias, às crianças e a todos que desejam uma vida melhor.

Na Croácia

No dia 10 de novembro, Irmã Evelyne e Irmã Zofia partiram para a Croácia. Primeiro elas pararam em Volosko, onde as Filhas da Caridade preparam a reforma da casa: uma parte para o serviço às pessoas idosas e outra parte para as Irmãs que querem permanecer próximas dos pobres.

A segunda parada foi em Zagreb, capital da Croácia. Lá, a Irmã Evelyne fez uma outra visita "histórica" às Irmãs da Misericórdia de Zagreb, ramo da família Vicentina que, desde sua fundação, vive segundo as Regras de São Vicente de Paulo e de Santa Luísa de Marillac. Esta Congregação deseja estreitar ainda mais os laços com a Companhia das Filhas da Caridade. Em Zagreb-Dubec, após terem escutado um recital com o coral das crianças, as Irmãs continuaram o encontro com uma

partilha sobre a vida das Filhas da Caridade e seus serviços neste país, cuja religião principal é o catolicismo, com 87,8 % da população.

No dia 11 de novembro a visita foi concluída com a missa paroquial celebrada numa Igreja repleta de famílias jovens com seus filhos, tornando difícil encontrar um lugar. Antes da despedida, a Visitadora expressou sua gratidão e a de todas as Irmãs, pela graça desta visita, o apoio e as orientações recebidas.

Irmã Cveta JOST e Irmã Donata BARDHAJ
Filhas da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província das Filipinas

Ir aos pobres, após o desastre do tufão em Davao

No dia 4 de dezembro de 2012, um enorme tufão “Pablo” atravessou a região de Davao oriental, no sul das Filipinas, atingindo gravemente quatro cidades: Boston, Cateel, Baganga e Caraga.

Fortes rajadas de vento chegaram durante a noite, fazendo muito barulho, com enormes redemoinhos que causaram muitos e grandes estragos, tirando a vida de centenas de pessoas e mudando a de outras para sempre. Um mês após a catástrofe, as cidades permaneciam em estado de calamidade e as pessoas retomam suas atividade lenta e timidamente....

Nas cidades, as casas destruídas, derrubadas pareciam um monte de lixo. Nos campos, nas colinas, nos arredores ou nas montanhas, que delimitavam o horizonte, hectares de coqueiros foram arrancados ou cortados ao meio, como se para isso tivessem utilizado uma “serra invisível”, derrubando-os como pedaços de madeira. Tanto as velhas árvores como as mais novas foram arrancadas pelas raízes, os telhados quebrados em pedaços, postes de ferro e vigas foram retorcidos grotescamente. A maioria das escolas, Igrejas e prédios foram destruídos ou ficaram sem os telhados. Nos acostamentos das estradas, abrigos improvisados surgiram como cogumelos, às vezes, tão pequenos que eram insuficientes para abrigar uma família tendo apenas o chão, sem nenhuma proteção, para dormir.

Como aconteceu em catástrofes anteriores no país, as Filhas da Caridade da Província iniciaram campanhas de sensibilização e recolheram ajuda em suas diferentes instituições. Sob a direção da Irmã Maria Teresa Mueda, Filha da Caridade, dois grupos de Irmãs de diferentes comunidades foram mobilizados entre 17 de dezembro de 2012 e 4 de janeiro de 2013 para responder às necessidades dos sobreviventes do tufão “Pablo”. Em colaboração com o Bispo local e outros grupos constituídos para estender a ajuda às vítimas do tufão, as Filhas da Caridade, em parceria com os Padres Camilianos, principais organizadores da assistência médica aos sobreviventes, se colocaram disponíveis para o serviço de saúde junto ao povo da paróquia de São Tiago, na cidade de Cateel.

Através de uma série de missões médicas aos vários habitantes de Baranga de Cateel, as Irmãs se colocaram a serviço dos sobreviventes, criando laços de amizade entre eles, prestando atenção aos seus problemas, tratando de suas feridas, provendo suas necessidades, encorajando-os e escutando suas histórias com compaixão. Alguns tinham percorrido muitos quilômetros a pé, atravessando montanhas para chegar ao local da missão e poder ser atendido pelo médico. Quando perguntávamos onde

moravam, eles respondiam: “Não temos mais casa para morar”. Alguns contavam como milagrosamente tinham escapado da morte e expressavam sua esperança de poder reconstruir tudo, mas sem saber como.

Os sobreviventes de Cateel acreditam que Deus não os abandonou, que continua a caminhar com eles e que providenciará todas as suas necessidades, por mais incerto que o amanhã possa parecer. Em sua fé simples, mas profunda, eles sabem que Deus cuida deles, mesmo quando o rosto da tragédia está ainda tão real e presente. Um dos comoventes relatos feito, por exemplo, pelos sobreviventes do tufão “Pablo”, diz que: quando o tufão atingiu a região de Baranga, as Igrejas paroquiais e as pequenas capelas foram destruídas, mas os altares ficaram intactos. As pessoas viram isto como um sinal da presença de Deus no meio deles.

Estes dias que nós, Filhas da Caridade, tivemos a graça de estar com os sobreviventes para ajudá-los, para compartilhar seus sofrimentos, foram momentos privilegiados para testemunhar o espírito e o carisma vicentino. Ter-nos dedicado aos nossos irmãos sofredores, como o fizeram nossos Fundadores, ajudou-os a reencontrar o gosto pela vida.

Tudo isto que experimentamos tornou o mistério do Natal mais atual e a celebração mais vibrante.

Acolhendo a realidade dos pobres sobreviventes do tufão “Pablo” no presépio do nosso coração, o Menino Jesus nasceu novamente. Em troca, os pobres nos evangelizaram através de sua fé ardente que brilhava ainda mais que as estrelas na noite.

A equipe de Filhas da Caridade,
Voluntárias em Cateel

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da Bélgica

Por ocasião dos 25 anos de existência
do Grupo de Revitalização Vicentino

Uma pequena semente que brotou

Durante o final de semana de 09 e 10 de março de 2013 celebramos os 25 anos do grupo de Revitalização Vicentino para jovens, jovens-adultos e para famílias com seus filhos, na Bélgica neerlandesa.

Na Assembleia provincial de 1988 expressamos o desejo de propor aos jovens tempos de formação no carisma vicentino. Depois desta Assembleia, foi criada uma Comissão denominada: “Dinamismo Vicentino”. Três Irmãs assumiram, de modo especial, a responsabilidade deste projeto. A primeira preocupação das Irmãs da Comissão foi a sua própria formação, participando de encontros de jovens em outros lugares, com outras congregações para aprender como reunir os jovens e animar finais de semana de reflexão. Depois, elas começaram a reunir os jovens.

Desde o início, três finais de semanas, por ano, foram organizados (começando no sábado às 14h e terminando no domingo às 17h), primeiro nos mosteiros e abadias, depois em albergues de jovens.

Cada final de semana permite o aprofundamento de um tema abordado sob 4 aspectos diferentes:

- Jesus, vós sois a fonte de vida
- Vicente, suas mãos são uma extensão do seu coração
- Jovens: vocês são uma pérola nas mãos de Deus
- No caminho para uma mudança (com Paulo).

Como chegaremos aos jovens e de onde eles vêm?

Os jovens vêm de diferentes regiões. Nós nos encontramos com eles durante os encontros anuais em Taizé ou através dos meios de comunicação tais como: correspondências, anúncios no jornal da paróquia, e-mails, sites ou ainda através de convites individuais... Desta maneira, aproximadamente cinquenta jovens foram contatados e entre 20 e 30 participam regularmente dos encontros.

O que acontece nos finais de semana

Cada final de semana começa com um momento de acolhida, depois segue com a apresentação do tema, algumas partilhas em pequenos ou grandes grupos, tempos de reflexão e de silêncio que se finalizam com uma oração, uma celebração ou com a Eucaristia.

A Eucaristia é celebrada por um jovem sacerdote da Abadia de Grimbergen e ex-integrante do grupo, que há muitos anos participa das peregrinações a Taizé e dos nossos finais de semana.

As celebrações são animadas por um jovem diácono casado que, com sua esposa, faz parte da equipe de animadores de nossos finais de semana. Eles nos acompanham, igualmente, nos encontros em Taizé. Seus filhos também participam dos finais de semana e seguem o programa proposto às crianças.

Com o passar dos anos, os jovens cresceram, formaram famílias e continuam a participar com seus filhos, pequenos ou grandes, acolhendo os novos. Há cinco anos aproximadamente, são os próprios jovens que preparam o programa do final de semana e formam uma boa equipe de animação. Nós, Filhas da Caridade, continuamos presentes, especialmente durante os momentos de partilhas.

Como se traduz o espírito de serviço dos jovens?

O espírito de serviço vicentino está bem presente: o grupo acolhe alguns jovens com necessidades especiais (quatro autistas e um jovem em cadeira de rodas), os mais fortes se colocam ao seu serviço e cada um se sente à vontade. Muitos jovens são engajados em sua paróquia ou em outras atividades de solidariedade.

- Em uma das famílias com dificuldades, uma criança autista foi batizada, após ter seguido o curso de preparação para o batismo, com o grupo. Os padrinhos, membros do grupo, assumiram seu compromisso com seriedade e dão acompanhamento regular a esta família.

- O diácono Marc e sua esposa também reúnem em sua residência um grupo de jovens.

- Um outro casal dá catequese às crianças e preparam-nas para a primeira comunhão, sempre em contato com os pais das crianças. A esposa dá curso de neerlandês e polonês. Todos os anos ela vai à Polônia com os jovens para construir junto com um grupo de construtores, um presépio. Todos os meses, o marido anima na paróquia uma “noite Taizé” e participa da elaboração das Eucaristias dominicais e da homilia.

- Anne-Marie já foi três vezes à Índia para ajudar as Irmãs de Madre Tereza.
- Ria é catequista e participa de um coral de jovens.
- Wim é membro da equipe paroquial.
- Karine prepara o programa para os jovens e adapta o tema dos finais de semana para os mais jovens.

Estamos felizes e ao mesmo tempo agradecidas pela sólida equipe de leigos comprometidos que assumem a responsabilidade da animação espiritual dos jovens. Agradecemos também às Filhas da Caridade, especialmente nossas Irmãs idosas, por seu interesse e pela união em oração por esta intenção.

Irmã Gilberte HAESSENDONCK
Filha da Caridade

História da companhia

FONTES E ATUALIDADES

A experiência espiritual de São Vicente

A Espiritualidade vicentina não é de maneira alguma, um compêndio de santidade a estudar e aplicar. É uma vida, uma experiência com a qual devemos comungar para favorecer o trabalho da graça na vida humana.

É a experiência espiritual de Vicente de Paulo que tentaremos seguir passo a passo, para depois compreender as grandes orientações, os pontos de apoio e os períodos importantes. Podemos considerar que este itinerário se desenvolveu em cinco etapas. Estas etapas às vezes se sobrepõem pois, não é fácil dividir uma vida em partes!, No entanto, veremos que em seu conjunto, a divisão destas etapas é bastante justa.

I - 1581-1595: A FAMÍLIA

Atualmente, percebemos melhor o lugar que a família ocupa no caminho espiritual dos santos. Antigamente, acreditava-se com frequência que alguns santos vinham ao mundo revestidos de uma certa santidade-milagrosa e que a graça os acompanhava desde o instante do seu nascimento até a sua entrada inevitavelmente triunfante no céu! Certamente este não foi o caso de Vicente de Paulo. Podemos dizer que durante os seus primeiros quinze anos de vida ele fez:

- a experiência de uma profunda afeição familiar;
 - a experiência da mentalidade de rural e de lavrador;
 - a experiência da pobreza e do trabalho manual.
- Três experiências determinantes que beneficiaram a orientação de sua vida.

EXPERIÊNCIA FAMILIAR

No início da conferência sobre a imitação das meninas do campo, São Vicente expressa-se assim: *“Falar-vos-ei com mais gosto das virtudes das boas aldeãs, devido ao conhecimento que delas tenho, por experiência e por natureza, sendo filho de um pobre lavrador e tendo vivido no campo até à idade de quinze anos”*. (pág. 52). Vicente de Paulo disse isso em 25 de janeiro de 1643, quando estava próximo de completar seus sessenta e três anos de vida.

Esta evocação nos permite pensar que Vicente de Paulo mais de uma vez relembra de sua mãe e de suas duas irmãs, Maria e Claudine. Vicente dizia que as verdadeiras meninas do campo: *“não se gloriam do que têm não falam dos seus parentes...A sua maneira de falar é simples e sincera...contentando-se com o seu alimento e o seu vestuário...contentam-se com pão e sopa, apesar de trabalharem incessantemente e em trabalhos pesados...Não sabem o que é ser lisonjeadas...Regressam a casa abatidas e cansadas do seu trabalho, para tomarem uma magra refeição, todas molhadas e enlameadas, e mal aí chegam, se o tempo se apresenta bom para o trabalho, ou se o pai ou a mãe ordenam-lhes voltar, voltam imediatamente para o trabalho sem pensar no seu cansaço...sem reparar como estão arranjadas...”* (Conf. de 25 de janeiro de 1643, págs. 51 - 60).

Estas características apresentam uma tonalidade e uma precisão que não enganam. Podemos ver a relação entre o espírito das Filhas da Caridade e este período da vida de Vicente de Paulo de 1581 a 1595. As Filhas da Caridade foram concebidas e desejadas segundo o modelo das jovens landesas da aldeia de Pouy, e talvez de acordo com o modelo da mãe e das irmãs de Vicente.

Certamente Vicente de Paulo cresceu em uma família afetuosa e unida. Por isso, ele manifestava sempre uma grande afeição por sua mãe, seus irmãos, irmãs e sobrinhos. Para falar da Comunidade e das relações da vida de Comunidade, ele utilizava com frequência um vocabulário empregado na vida familiar, e talvez mais especialmente, utilizado na sua vivência familiar: *“Como vai a sua família? Lembrança a todos de sua pequena família...A família desta casa está bem?”* Assim também aconteceu nos primeiros regulamentos das Confrarias ou das Filhas da Caridade: *“Eles terão afeição umas pelas outras como irmãs”*... Em relação aos pobres, as Filhas da Caridade serão motivadas a se comportar “como se fossem suas mães”, etc. Aqui, mais uma vez, descobrimos uma relação entre a espiritualidade vicentina e o período de 1581-1595. Conscientemente ou não, ressurgem na espiritualidade comunitária de São Vicente as lembranças daquilo que ele viveu em Ranquines.

EXPERIÊNCIA DA MENTALIDADE RURAL E DE LAVRADOR.

Vicente de Paulo conservou no mais profundo de si, um camponês, ainda que tenha vivido na cidade durante mais de cinquenta anos.

Seu comportamento, sua psicologia, o que chamávamos de sua lentidão, sua maneira de agir diante dos grandes ou diante do dinheiro, os exemplos que naturalmente surgiam em suas conferências ou cartas, sua confiança na Providência... tudo isto está profundamente marcado por sua origem rural. Origem que, no começo, sentiu vergonha, mas tendo aceitado esta condição, utiliza este fato, primeiro para humilhar-se e, às vezes, até mesmo para orgulhar-se.

Naturalmente que este caráter rural e de lavrador marcou também a espiritualidade de Vicente de Paulo e a de seus discípulos, sobretudo o seu lado evangélico. Pensando em Jesus Cristo, Vicente de Paulo certamente viu nele um lado rural e deve ter havido uma verdadeira cumplicidade entre Vicente de Paulo e o Evangelho. Como esta cumplicidade se manifesta em Vicente? Talvez pelo seu senso prático, por sua desconfiança das teorias sem muito fundamento; por seu amor pela simplicidade, por sua humildade tão realista com raízes bem rurais, por sua proximidade das coisas e das pessoas, simples, concreto e direto.

EXPERIÊNCIA DA POBREZA E DO TRABALHO MANUAL.

Esta também foi uma experiência de base com ressonância profunda e duradoura. Ele era apenas o “filho de um pobre lavrador”; um lavrador que deveria contar com seu trabalho para viver e sustentar a família. Não existia escola para os pobres e as crianças desde a mais tenra idade, já estavam envolvidas nos trabalhos da pequena fazenda.

Vicente pastoreou o rebanho às bordas do rio Adour. Ele conheceu a vida de crianças pobres, a vida de uma família, esmagada pelos impostos e taxas de todo tipo.

Seu primeiro reflexo aos quinze anos foi salvar-se, libertar-se, tentar fazer fortuna e alcançar uma situação para ajudar sua família a sair da dificuldade. Ele não sabia que Deus o destinava aos pobres e, aos pobres do meio rural; esta experiência familiar de 1581-1595 o preparou para viver mais plenamente esta vocação. Paradoxalmente serão estes pobres do interior que lhe revelarão em Folleville e em Châtillon o sentido que ele deveria dar a sua vida.

Há 40 anos vivendo na cidade, podemos ainda encontrar nos lábios de Vicente expressões de sua nostalgia do ambiente rural de sua infância: *“Devo dizer-lhes, com toda simplicidade que isto me dá novos e tão grandes desejos, de poder, em meio as minhas enfermidades, terminar minha vida junto de um arbusto trabalhando em um vilarejo qualquer: parece-me que eu seria muito mais feliz, se Deus quisesse conceder-me esta graça”* (Coste V, 203-204, Carta a um missionário em 17 de outubro de 1654).

Esta primeira etapa foi marcante e mesmo determinante no itinerário espiritual de Vicente de Paulo. Estamos em 1595: aos 14 anos Vicente ainda vive no seio de sua família, na fazenda em Pouy, e talvez ainda seja analfabeto.

II - 1595-1610: A CARREIRA

Abelly conta a primeira mudança importante na vida do jovem Vicente: *“Seu pai percebeu que aquele menino poderia fazer algo melhor do que pastorear animais. Foi por isso que ele decidiu colocá-lo na escola. Ele se apoia nesta decisão ainda mais convicto após ter conhecido um certo prior de sua vizinhança (4 km?), que sendo de uma família não mais rica que a sua, tinha ajudado os irmãos com os seus benefícios. Assim, este bravo homem tinha pensado que seu filho Vicente ao estudar, poderia um dia obter algum benefício e, servindo-se da Igreja, ajudar também sua família e favorecer os seus outros filhos”* (Abelly, livro I, 1, pág. 8, edição de 1664).

O mesmo Abelly afirma mais adiante que antes de morrer em 1598, o pai de Vicente tinha deixado em testamento que “queria e compreendia que seu filho Vicente fosse ajudado e mantido em seus estudos” (Abelly, livre I, 1, pág. 12).

As coisas pareciam claras, sobretudo a respeito dos costumes, então em vigor, nesse meio social e regional: tratava-se de uma espécie de investimento, de um contrato familiar. Apostava-se no mais dotado e fazia-se todo o possível para garantir o seu sucesso. Em consequência, caberá a este devolver o cêntuplo a sua família, após a fortuna feita.

Na minha opinião aqui está a principal motivação que vai esclarecer e explicar o comportamento e o itinerário de Vicente ao longo dos próximos anos. O próprio Vicente confirmou duas vezes esta relação:

- na sua carta de 17 de fevereiro de 1610 à sua mãe.
- no relato de sua última viagem à sua terra em 1623

Ao ler atentamente estes dois documentos, percebemos que o que domina nas preocupações de Vicente é este contrato familiar, mesmo após 1617.

Na carta de 17 de fevereiro de 1610, ele quase não fala de outra de coisa a não ser de negócios, de promoção, de retorno ao país: “para *poder empregar o resto dos meus dias junto de vós*” (SV I, 18-20).

Quanto ao relato da última viagem à sua terra, o que parece ter afligido mais Vicente, foi o sentimento de ter traído o contrato: “*No dia em que eu parti, senti tanta dor ao deixar meus pobres pais, que não fiz outra coisa senão chorar durante todo o caminho, e chorando quase sem parar. Com as lágrimas (aqui está o contrato) veio o desejo de ajudá-los e de colocá-los em melhores condições, em dar isto para um ou aquilo para outro. Meu espírito comovido partilhava assim o que eu tinha e o que eu não tinha....Foram três meses nesta paixão importuna de melhorar a situação dos meus irmãos e irmãs; este foi o peso contínuo do meu pobre espírito*” (Coste XII,219).

O que Abelly nos diz sobre a decisão do pai de Vicente em 1595 e o que Vicente escreve à sua mãe em 1610 deixa entrever uma continuidade, na qual a ida de Vicente para a escola se encaixa perfeitamente. Em 1595, Vicente vai para a escola dos Franciscanos em Dax. Rapidamente ele se revela um bom aluno e digno de confiança. Ele começa o trabalho de preceptor junto aos filhos do senhor de Comet que, a partir de então, acolhe Vicente em sua casa. Que promoção! Talvez, por isto, não se estranha a reação que manifestou, quando um dia alguém, no Colégio, vem comunicar-lhe que seu pai estava ali para visitá-lo: Vicente se recusa à vê-lo, com vergonha da aparência rústica de seu pai (como confessará mais tarde).

Aconselhado por seus educadores e por seu benfeitor, o senhor de Comet, advogado em Dax, Vicente vai para Bidache, em 1596, para receber a tonsura, símbolo da entrada no estado eclesiástico e nas ordens menores, primeira etapa para a ascensão ao sacerdócio.

Entre 1595-1597, duas coisas nos parecem muito claras:

- existiu um verdadeiro contrato familiar, isto é, um sacrifício da família confirmado pelo testamento do pai, para que Vicente pudesse estudar e depois ajudar seus irmãos e irmãs;
- A partir dos seus dois primeiros anos de estudo em Dax, Vicente sentiu fortemente a diferença entre sua antiga e nova situação; talvez ele tenha sentido também um certo deslumbramento, do que lhe parecia ser o começo de sua promoção.

Foi, sem dúvida, em 1597, que Vicente entra na Universidade de Toulouse, pois em 1604, após sete anos de estudos, recebe o título de bacharel. Ainda que na época as Faculdades não fossem como as conhecemos atualmente, podemos, por um lado, observar as boas aptidões do nosso estudante, que estão acima da média e por outro lado sua ambição. Então, passar pela Universidade permitia ambicionar claramente muito mais que uma pequena paróquia rural (cf. a pouca insistência de Vicente em tomar posse da pequena paróquia de Tilh, e sua avidez para ir para Bordeaux, em 1604, onde teria mais oportunidade de receber um bispado na região).

Enquanto isso Vicente avança rapidamente no caminho que escolheu: em 20 de dezembro de 1596, em Bidache, com apenas 15 anos e meio de idade, recebe a tonsura e as ordens menores; no dia 19 de setembro de 1598, em Tarbes, com 17 anos de idade, recebe o subdiaconato; e ainda em Tarbes, recebe o diaconato no dia 19 de dezembro de 1598. No dia 23 de setembro de 1600, com 19 anos e meio de idade, ele é ordenado sacerdote em Château-l'Évêque.

Aparentemente Vicente está com pressa. Isto incomoda alguns, tais como Abelly e outros autores que o seguiram, quando não hesitaram em antecipar a data do nascimento de Vicente de Paulo, fixando-a no ano de 1576, atribuindo assim a Vicente, no momento de sua ordenação, a idade de 24 anos, idade mínima, que tinha sido, há pouco tempo, fixada pelo Concílio de Trento, para o recebimento do sacramento da Ordem

Sabemos poucas coisas sobre o período na Faculdade em Toulouse. Naquela época, a vida estudantil daquela cidade quente era bem movimentada. Sabemos que para poder pagar os estudos, ele assumiu a responsabilidade de uma pequena pensão onde recebia jovens estudantes, vindos de Buzet-sur-Tarn e de Toulouse.

Vicente de Paulo obteve o título de bacharel em teologia em 1605. Foi neste período que começaram os graves problemas financeiros que o levaram para Marseille. Os anos obscuros se tornam ainda mais difíceis! Deste período temos apenas duas cartas para o senhor de Comet (SV I, 1-18), para clarear com um aspecto curioso, os três anos que parecem ter acontecido sem uma continuidade (cf. São Vicente e a Caridade, coleção Mestres Espirituais, A. Dodin, páginas 144-148).

Somente duas cartas! Isto não nos permite ir muito longe em nossas deduções. No entanto, diante do atual estado da documentação, parece-me que estamos próximos da realidade se imaginarmos, antes de tudo, um Vicente preocupado com sua promoção e com o cumprimento de seu contrato. Aliás, é este mesmo Vicente que encontraremos na carta de 17 de fevereiro de 1610. O que aconteceu entre essas datas? Em todo caso, nada que tenha modificado o projeto e as perspectivas de Vicente de Paulo.

De acordo com os documentos oficiais, encontraremos Vicente de Paulo em Paris, somente no final do mês de fevereiro. Ele é conselheiro e capelão da rainha Margarida, duquesa de Valois, mora na rua de Seine, no bairro de Saint-Germain-des-Prés, diante do palácio da rainha (Coste XIII, 8). Poderíamos dizer que o sucesso desejado foi alcançado, ou pelo menos está ao alcance de suas mãos, como podemos perceber nas palavras de Vicente à sua mãe e à sua família. Releiamos o início desta carta: “...porém, tenho esperança na graça de Deus, que ele abençoará meus esforços e me concederá o meio (financeiro, talvez) para uma saída honesta e assim poder empregar o resto dos meus dias junto de vós” (SV I, 19).

A carta data de 17 de fevereiro de 1610. Três meses mais tarde, Vicente assina um contrato que o faz proprietário da Abadia de Saint-Léonard-de-Chaumes, da Ordem dos Trapistas, da diocese de Saintes (Coste XIII, 8-13). Na realidade, um mau negócio, mas Vicente ainda não o sabia. As contrariedades e incertezas se sucedem. A primeira metade do ano de 1610 é marcada pelo contrato familiar. Vicente está profundamente convencido de que logo será o momento de voltar para a sua terra, onde irá empregar o resto dos seus dias junto a sua família.

Foi nesta época que se produziu uma primeira ruptura que parecia derrubar todo o seu projeto; um drama que Vicente já idoso lembrará com a mesma energia e vivacidade que caracteriza, às vezes, a memória dos idosos. Vicente tinha 75 anos quando ele conta esta história: “*Existe uma pessoa na Companhia (era ele mesmo) que foi acusado de roubar o seu companheiro e tendo sido acusado publicamente por isso, ainda que não fosse verdade, jamais quis se justificar, e pensou consigo mesmo, ao ver-se assim falsamente acusado: “Irás te justificar? Eis aqui algo de que foste acusado e que não é verdade. Oh! Não, disse ele elevando-se a Deus, é preciso que eu sofra isto pacientemente. E ele assim o fez. O que aconteceu depois? Eis o que aconteceu depois, senhores. Seis meses após (segundo Abelly, Vicente teria dito: seis anos), aquele que tinha roubado, estando a cem léguas daqui, reconheceu sua falta, e pediu perdão por escrito. Vede, “às vezes, Deus quer provar as pessoas e, por isso, permite que algo semelhante lhes aconteça.”* (Coste XI, 337).

Com o relato de sua última viagem a sua terra natal, o velho Padre Vicente moraliza o acontecimento. Ele conta, como uma lição de vida e assim orienta ou minimiza a intensidade do drama.

Nós nos encontramos diante de duas possibilidades de leitura. A mais interessante para nós não é encontrar o Vicente septuagenário narrador de histórias, mas de reencontrar Vicente, acusado aos 29 anos, e muito diferente.

Abelly tem sua própria versão do fato: Vicente compartilhava um quarto em Paris com um dos seus compatriotas, juiz em Sore (Landes). Estando Vicente na casa, doente e de cama, um jovem que veio fazer-lhe uma entrega, sem dúvida, apoderou-se da bolsa do juiz. Vicente foi imediatamente considerado suspeito (seria ele alguém de quem se pudesse desconfiar? E Abelly continua, com um estilo muito empolgante: “*O outro (o juiz) grita, fica perturbado, ... obriga-o a deixar o quarto, e o difama como um vilão, um ladrão e vai prestar queixa a todas as pessoas que o conheciam e tinham contactos com ele, acusando-o de roubo. Ele pede até mesmo uma advertência pública eclesiástica*” (Abelly, Livro I, capítulo 5, página 22).

Esta acusação pública era lida no púlpito em todas as missas, durante três domingos consecutivos na paróquia do acusado. Então, imaginemos Vicente de Paulo, sacerdote, capelão da rainha, submetido a tamanha humilhação. Ele que pensava ter entrado em uma fase feliz de sua existência, já considerando a possibilidade de, em breve, poder retornar ao seu povo. Ele que tinha estabelecido relações influentes e realizado bons negócios (entre outros, adquirira a Abadia de Saint-Léonard), de repente fica desacreditado por todos os seus amigos e conhecidos e denunciado no púlpito! “*Vede, às vezes, Deus quer provar as pessoas*”, tal foi a interpretação que Vicente deu a este fato após quarenta e seis anos: uma provação enviada por Deus, na qual foi incluída, provavelmente, uma boa dose de amargura. A desastrosa advertência, sem dúvida, obrigou Vicente a mudar de bairro e de paróquia.

No itinerário humano de Vicente, em apenas quinze anos, o jovem camponês praticamente analfabeto, abandonado a sua própria sorte, subiu os degraus da escala social, estabeleceu relações, encontrou-se em uma situação aparentemente estável, atraiu para si uma fortuna que frutificaria, ao menos assim ele pensava.

Como o filho aventureiro que partiu e fez fortuna, restava-lhe apenas voltar para casa, para lá, receber os rendimentos nas datas fixas, ajudar sua família que tinha aceitado os riscos da partida, e viver a sua *aposentadoria honesta*, que na verdade, poderia esperar um pouco mais, pois Vicente tinha apenas 29 anos de idade.

Vicente quis alcançar o sucesso, e humanamente, podemos dizer que conseguiu, apesar de alguns infortúnios, ele fez carreira !

Este período de 1595 a 1610 foi importante no itinerário espiritual de Vicente de Paulo porque este sucesso humano o fez tomar consciência de todas as suas possibilidades; este sucesso o fez conhecer também o mundo, os grandes da Igreja, da sociedade, os nomes da cultura, como também entre 1605 e 1610 tenha, talvez, conhecido a escória.

Tudo isso vinha somar-se ao conhecimento que ele já possuía sobre os pobres e os camponeses: que experiência! Que campo de consciência que o predispõe humanamente ao pluralismo e universalismo de sua visão e de suas opções!

Quanto mais rápida é a ascensão, a proximidade do sucesso, mais sombria é a noite e em seguida vem a luz resplandecente e decisiva. Assim aconteceu com o povo de Israel no cativeiro do Egito e na Páscoa, no exílio na Babilônia e na libertação dos pobres de Javé.

O encadeamento entre a segunda, terceira e quarta etapa constitui uma dialética da conversão particularmente dinâmica. Vamos imaginar um atalho da primeira para a terceira, através da segunda,

pois é nela (1595-1610) que se encontra enraizada parte do dinamismo e do universalismo que Vicente de Paulo não deixará de provar.

III - 1610-1617: A NOITE

Sabemos que a noite foi uma parte da experiência de inúmeros místicos e de grandes santos, e que ela acontece em diferentes níveis na maioria dos humanos. A idade adulta conduz à percepção e aceitação de suas limitações. Muitas vezes, é no âmbito da percepção que se situa a noite; esta impressão de fracasso, resultante de um desequilíbrio entre as aspirações e as possibilidades, entre os projetos e a realidade.

Para Vicente de Paulo isto parece ter começado já entre 1608-1609 com a vida pobre no bairro de Saint-Germain e, sobretudo, com a questão do roubo, sobre o qual falamos acima. Depois deste drama humano, as portas foram fechadas para ele, os gascões se distanciaram dele; ele ficou sozinho em Paris. Portanto, sem dúvida, ele procurou se aproximar do Padre de Bérulle.

Nós falamos de sua efêmera vocação Oratoriana: na verdade no final de 1611, quando Bérulle reunia seus primeiros discípulos, Vicente entrou no Oratório. Abelly faz uma afirmação sobre esta vocação: Vicente entrou nos Oratorianos “*não para ser agregado a esta santa Companhia, (tendo ele mesmo declarado depois que nunca teve esta intenção... mas (simplesmente) para refugiar-se um pouco dos compromissos do mundo*” (Abelly, Livro I capítulo V, pág. 24).

Quaisquer que tenham sido as motivações de Vicente de Paulo podemos facilmente compreender sua necessidade de colocar-se um pouco ao abrigo; se sabemos que Bérulle foi capaz de escrever quarenta capítulos sobre a vida de Jesus no seio de sua Mãe, e se lermos em seguida o que disse Vicente sobre o amor de Deus! (Coste XI, 40-41) “*Amemos Deus, meus irmãos, amemos Deus, mas que seja com o suor de nosso rosto e a força dos nossos braços*” compreenderemos que a vocação Oratoriana de Vicente foi efêmera, que a experiência com Bérulle não teve uma continuidade e que isto, até mesmo, deu espaço para uma certa tensão que existiu, mais tarde, entre esses dois homens (SV, II, nota nº08, págs. 485 e 486).

Seria interessante abordar aqui as similaridades que foram estabelecidas mais tarde entre o Padre Vicente e a chamada Escola francesa de espiritualidade. Certamente que Vicente foi aluno desta Escola, mas talvez, tenha sido um mau aluno, em todo caso, de maneira bem singular e sem dúvida genial, esforçando-se apenas em traduzir nos acontecimentos e no serviço dos pobres, as altas considerações desenvolvidas sobre o que chamaríamos atualmente de Cristocentrismo. No âmbito da fé e, sobretudo da religião, a **Escola Francesa** teve seu grande mérito ao colocar Cristo no centro de tudo. Vicente colocou este Centro entre os homens e até mesmo na pessoa dos pobres: “*servis a Jesus Cristo na pessoa dos pobres. E isto é tão verdade como estarmos aqui*” (Conf. de 13 de fevereiro de 1646, pág. 170).

Em novembro de 1611, Vicente de Paulo encontrava-se “refugiado” nos Oratorianos e sem dúvida esta situação não lhe era agradável. Tanto que, quando o pároco de Clichy, François Bourgoing, decidiu entrar no Oratório, Vicente não se fez de rogado para sair e foi para Clichy para substituí-lo (O grande santo do grande século, Coste I, 73).

Mais uma vez, esta foi apenas uma experiência passageira de dezesseis meses, porém, foi uma das mais marcantes, e mais proveitosas destes anos obscuros ou cinzas.

Fazia doze anos que Vicente era sacerdote, mas ainda não tinha feito uma experiência pastoral. O internato de Buzet não tinha outro objetivo a não ser facilitar-lhe os rendimentos no final do mês.

Ora, do ponto de vista psicológico, nada foi tão eficaz e benéfico quanto o sucesso no período de marasmo ou de dúvida. Concretamente, os dezesseis meses em Clichy foram, segundo o próprio Vicente (o que era, então importante para ele), um verdadeiro sucesso. Os ecos que ele nos deixou são entusiasmantes, além de muitas outras observações desta época.

Foi um verdadeiro amor à primeira vista: *“Fui pároco de aldeia (pobre pároco). Tinha uma gente tão boa e tão obediente em fazer o que eu lhe dizia, que quando lhe disse que devia vir à confissão todos os primeiros domingos do mês, não faltara. Vinha, confessava-se e via dia após dia o proveito que essas almas tiravam desta prática. Isto me dava tanta consolação, e eu estava tão contente, que dizia comigo : ‘Meu Deus, como és feliz em teres tão bons paroquianos!’ E acrescentava: ‘Creio que o Papa não é tão feliz como um pároco no meio de um povo com tão bom coração’. E um dia o Senhor Cardeal de Retz perguntava-me: ‘então, Senhor, como vos encontrais? Respondi-lhe: ‘Monsenhor estou tão contente, que nem vo-lo sei exprimir’ - ‘Por quê?’ - ‘É que tenho um povo tão bom, tão obediente a tudo o que lhe digo, que penso que nem o Santo Padre, nem vós, Monsenhor, sois tão feliz como eu”* (Conf. de 27 de julho de 1653, pág. 423).

“No meio de um povo” ... Vicente estava feliz e em sua casa

Mas, ele não abandona completamente a preocupação com sua carreira, pois, ainda que continue a receber o salário como pároco de Clichy, ele aceita uma nova proposta que lhe é transmitida pelo Padre Bérulle: ser preceptor na família dos Gondi, uma das famílias mais ricas do reino. Ele parte para os Gondi, mas, não vai com muita alegria para trabalhar com “os grandes”, tanto que sem demora, ele se vê exposto aos assaltos espirituais de uma dirigida muito escrupulosa: a Senhora de Gondi.

A partir de 1614, segue um longo período de tentação contra a fé, durante o qual ele se dedica à leitura da regra de perfeição de Bento de Canfield. Ele tem tempo e não se precipita nesta leitura, pois em 1615, devido a uma grave doença, ficou com sequelas nas pernas, que o fizeram sofrer o resto de sua vida. Sem dúvida, foi por causa do seu frágil estado de saúde, que nomeado tesoureiro e cônego do Cabido de Ecouis na diocese de Rouen, graças ao senhor de Gondi, promotor deste benefício, ele delegou um procurador para tomar posse em seu lugar, no dia 27 de maio. Provavelmente, Vicente de Paulo não tenha permanecido muito tempo como Cônego de Ecouis. No dia 29 de outubro de 1616 ele abandona a abadia de Saint-Léonard-de-Chaumes, que lhe pertencia havia cinco anos. Os benefícios que ele tinha buscado ardentemente lhe pesavam cada vez mais, à medida que compreendia melhor a importância dos deveres e a necessidade da residência. Ele mantém Clichy bastante próxima, para que possa ainda cuidar de suas ovelhas.

Desde 1615, Vicente de Paulo tratou de orientar para os pobres os pensamentos e as atividades de sua dirigida. Parece-me que ele tentou com ela uma espécie de terapia, que posteriormente utilizará consigo, com Luísa de Marillac e com as Damas das Confrarias, com as vantagens que conhecemos.

Este período entre 1610 e 1617, mesmo se olharmos de maneira superficial, parece ter ocorrido de maneira irregular (o que representa a curva normal dos períodos de crises) em um clima bastante sombrio.

No que concerne os ministérios, se Vicente não passou por todos, ele ao menos se preocupou com muitas coisas: primeiro, com uma aposentadoria honesta e o retorno à sua terra natal; depois, com a capelania da corte da rainha Margot; a estadia nos Oratorianos; a paróquia de Clichy, a preceptoría nos Gondi; como se ele não soubesse o que fazer de sua vida!

No âmbito moral, pareceu mostra-se bastante inconsequente, por exemplo: ao desfazer-se de uma grande herança, muito embora, estivesse acumulando benefícios (Clichy, Saint-Léonard, Ecouis, sem falar ainda da preceptoría que deveria ser bastante lucrativa).

No âmbito da fé, ele conheceu grandes alegrias em Clichy, mas em seguida, teve que enfrentar terríveis tentações contra a fé, durante longos meses.

No âmbito da saúde, ele experimentou a doença e o sofrimento, particularmente, fortes dores nas pernas, quando tinha apenas 34 anos; talvez em alguns momentos, ele tenha se sentido muito enfraquecido.

Portanto, estamos longe do período precedente: o jovem da Gasconha intrépido e aventureiro foi deixado de lado, agora é um homem angustiado, desamparado, que duvida de si e até mesmo de Deus! Não sabendo para onde ir, nem o que fazer: é a noite

Ainda que, ao longo do seu itinerário, este período tenha sido rico, pois, além da indigência-fracasso, no qual vão se enraizar sua fé e sua confiança em Deus, Vicente viveu três experiências - aquisições determinantes.

A retomada do contato com os pobres.

Como capelão da rainha, Vicente era encarregado, sobretudo, de distribuir as esmolas aos pobres. A rainha dava-lhe regularmente dinheiro para distribuir aos moribundos do hospital da Caridade, onde os doentes estavam em situação deplorável. Certamente que esta situação o perturbou, pois, conhecemos sua predileção pelos pobres doentes, como ele mesmo testemunhou posteriormente. Sem dúvida que a doação de 15.000 libras que ele recebeu, não foram suficientes para socorrer muitas misérias, e isto talvez o tenha feito descobrir, a extensão do desastre da pobreza.

A revelação de Clichy foi a única e verdadeira alegria desses sete anos, a única e verdadeira luz na noite, a primeira experiência pastoral do Padre Vicente de Paulo: um padre jamais é tão feliz senão no meio do povo. Esta experiência foi também a do encontro com os leigos. Comprovado depois pela experiência de Châtillon e pelas lembranças familiares; esta dupla experiência não somente conduzirá ao nascimento das Confrarias e das Damas da Caridade, mas será também fundamento da concepção secular, as Filhas da Caridade.

A experiência da direção espiritual da Senhora de Gondi, uma alma torturada, escrupulosa, possessiva, também marca profundamente este período. Foi a abertura aos pobres que permitiu à Senhora de Gondi reencontrar seu equilíbrio moral e espiritual. Foi o período da NOITE, mas ao mesmo tempo determinante e muito fecundo. O itinerário de Vicente de Paulo se estabiliza; ele parece muito mais reto e seguro do que poderíamos imaginar, e que nem mesmo ele acreditava.

Padre Jean MORIN, cm

FONTES E ATUALIDADES

Irmã Justine Bisqueyburu e o escapulário verde 8 de setembro de 1840

Justine Bisqueyburu fez o postulado no hospital de Pau. Acompanhada pelo Padre Aladel, ela viajou de Pau à Paris para entrar no Seminário, no dia 27 de novembro de 1839.

O grande retiro de novembro terminara e Justine teve que esperar o mês de janeiro para fazer o seu retiro de entrada no Seminário.

Em uma sala situada acima da capela, onde se realizavam as práticas do retiro, havia um altar com uma imagem da Santíssima Virgem. Esta imagem muito conhecida das Filhas da Caridade, atualmente nós a chamamos de Nossa Senhora da Missão. Foi nesta sala, diante desta imagem que a Irmã Justine fez seu retiro de entrada na Companhia. Durante este retiro, no dia 28 de janeiro de 1840, a Santíssima Virgem lhe apareceu pela primeira vez.

"A Irmã estava em oração, quando, de repente, a Santíssima Virgem se tornou visível aos seus olhos. Ela estava vestida com um longo vestido branco que chegava aos seus pés que estavam descalços, e um manto azul, muito claro, sem véu, os cabelos estavam divididos e caíam sobre os ombros. Ela segurava em suas mãos seu coração de onde saíam pela extremidade superior abundantes chamas. Tinha uma aparência majestosa e o esplendor de uma beleza toda celestial. Diante desta visão, cheia de admiração e envolvida por um medo irracional, a jovem Irmã chegou ao ponto de deixar escapar um grito".

Ela foi agraciada pela mesma aparição tanto no final do seu retiro de entrada, quanto durante o seu Seminário, umas quatro ou cinco vezes, nas principais festas da Santíssima Virgem.

Até então, esta graça parecia-lhe ser pessoal, sem nenhum outro objetivo senão o de aumentar a sua terna devoção ao Imaculado Coração de Maria. Mas, a sequência dos eventos mostra que Deus tinha outros desígnios que não demoraram a se manifestar.

Terminado o tempo do Seminário, Irmã Bisqueyburu foi enviada para Blangy, no departamento de Seine-Inférieure, para dar aulas. Pouco tempo depois de sua chegada, no dia 8 de setembro de 1840, festa da Natividade de Nossa Senhora, ela teve uma nova visão. A Mãe de Deus lhe apareceu durante a oração, tendo na mão direita seu coração coroado de chamas, e na outra mão, uma espécie de escapulário, ou melhor dizendo a metade de um escapulário. Era um pedaço de tecido verde de forma retangular e tamanho mediano, pendurado em um cordão também verde, fechado na parte superior e que parecia destinado para ser colocado no pescoço. Em um dos lados deste medalhão de tecido, aparecia a imagem da Santíssima Virgem tal como se apresentara na aparição anterior; no outro lado, um coração inflamado com raios mais brilhantes do que o sol e transparentes como cristal.

O coração transpassado por uma espada estava circundado por uma inscrição em forma oval encimada por uma cruz em ouro que dizia:

*"Coração Imaculado de Maria, rogai por nós,
Rogai por nós, agora e na hora de nossa morte".*

Ao mesmo tempo, Irmã Justine ouviu uma voz em seu interior, revelando-lhe o sentido da visão. Ela compreendeu que através da mediação das Filhas da Caridade, esta imagem deveria contribuir para a conversão das almas, especialmente as infieis e, dar-lhes uma boa morte; que deveria ser confeccionada o mais rápido possível e ser distribuída com confiança.

A Irmã Justine relatou esta nova graça somente à Irmã Buchepot, através de uma carta com data de 8 de outubro de 1840. A imagem apareceu novamente com o mesmo aspecto nos dias 15 de agosto e 13 de setembro de 1841. A Irmã Buchepot informou ao Padre Aladel. No dia 16 de setembro ele recebeu esta nova confidência a que, aparentemente, não deu muita importância, talvez por uma questão de prudência a fim de não se precipitar diante dos fatos e para comprovar se estas manifestações sobrenaturais vinham ou não de Deus. Ele não parecia estar ativamente interessado nem no fato, nem na confecção ou distribuição do escapulário.

A Santíssima Virgem se queixa com a Irmã em uma nova visão durante a oração da manhã do dia 3 de maio de 1842, dia de comunhão.

No dia 20 de maio de 1842, Irmã Bisqueyburu escreve uma carta à Irmã Buchepot relatando sua visão:

“Pareceu-me escutar uma voz que me dizia que ela não estava contente com a demora da confecção do escapulário. Ela estava tão bela!... Eu lhe prometi comunicar à senhora e ao padre Aladel para que ambos averiguassem se era Sua Santa Vontade e ao mesmo tempo pedir-lhes para cuidar deste assunto o mais rápido possível...”

Após várias trocas de correspondências, concernentes à fabricação do escapulário, **somente uma pequena quantidade foi confeccionada e distribuída sem muita confiança**. Os resultados também foram insatisfatórios.

Durante o ano de 1846 a Santíssima Virgem comunica várias vezes o seu descontentamento.

Em julho de 1846, Irmã Bisqueyburu escreve uma carta para a Irmã Buchepot:

“Acredito ter visto, sim, eu a vi e tenho certeza. É imperativo que o Padre Aladel se encarregue do escapulário e de sua propagação e isto deve ser feito com confiança... Peço-lhe encarecidamente que ele não faça isso por mim, mas em nome de Maria, peço-lhe que o faça por estas pobres almas que morrem sem conhecer a verdadeira religião. Sim, se o entregarmos com confiança, haverá um grande número de conversões”

As aparições de 1846 tiveram esta particularidade: as mãos da Santíssima Virgem estavam “radiantes”. Vejamos o que a Irmã disse a sua antiga Diretora, em uma carta procedente de Versailles com data de 10 de outubro de 1846:

“... Esqueci de dizer-lhe que ele tinha me perguntado (Padre Aladel) se o escapulário (tal como havia sido confeccionado com base nas imagens do Padre Letaille) estava exato. Disse-lhe que acreditava que sim, mas talvez eu tenha respondido muito rápido, pois de acordo com o que posso lembrar, parece-me que não contém raios que saiam das mãos da Santíssima Virgem, e que se estendem até a barra de seu vestido. No entanto, parece-me tê-la visto desta maneira na última vez. Parece-me, pois, compreenda-o bem, estou sempre levada a olhar tudo isso como uma ilusão do demônio, que talvez, se utiliza disto para me pôr a perder, fazendo-me acreditar em coisas que não o são. Mas, eu lhe disse que diria tudo; quero manter minha palavra”

Ela pediu para que lhe enviasse uma imagem do escapulário sobre a qual, com um lápis, marcaria os raios como os tinha visto na última aparição.

No entanto, não se acredita que a imagem tenha sido refeita, pois permaneceu sem os raios, pensando que esta omissão de detalhe não impediria o escapulário de responder substancialmente aos desejos da Santíssima Virgem.

Quais eram as condições necessárias para tornar útil o emprego do escapulário?

O único meio para responder a esta pergunta era fazer com que a Irmã Bisqueyburu pedisse à própria Santíssima Virgem para respondê-la.

Ela escreveu à sua antiga Diretora dizendo: “*Vou obedecer, mas com pesar, pois não me sinto capaz de nada pedir, estou em um estado de grande tristeza*”.

Em 8 de setembro de 1846, a Santíssima Virgem apareceu-lhe novamente, com as mãos cheias de raios, e aqui está a essência da resposta: “*este escapulário não é como os outros escapulários, vestuário de uma confraria, mas simplesmente um dupla imagem piedosa colocada num único pedaço de tecido e suspenso por um cordão, como se fosse uma medalha. Não é necessário uma fórmula especial para benzê-lo, nem tampouco é necessário ser imposto. Basta apenas ser benzido por um padre e dado a um infiel ou a um pecador que se deseje colocar sob a sua feliz influência. Pode-se mesmo, sem que o indivíduo o saiba, colocá-lo em sua roupa, em sua cama ou em seu quarto.*”

Quanto às orações que devem se recitadas, é necessário dizer apenas uma diariamente, aquela que forma a inscrição oval, com a qual o Sagrado Coração do escapulário está circundado:

*“Coração Imaculado de Maria, rogai por nós,
Agora e na hora da nossa morte”*

Se a pessoa, em favor da qual este escapulário for colocado, não recitar a oração, será então a que se encarregou de colocar o escapulário que deverá recitá-la em seu lugar.

Este escapulário pode ser utilizado tanto na França como no estrangeiro. As graças maiores serão dadas àqueles que o utilizarem, mas estas graças são maiores ou menores de acordo com o grau de confiança que o acompanha. Era isto que significavam os raios maiores ou menores que saiam das mãos da Santíssima Virgem, na última aparição”.

Esta devoção foi aprovada pela Igreja?

O Papa Pio XI concedeu a aprovação para confeccionar e distribuir o escapulário: “*Concedo a permissão total para isto. Escrevam para estas boas Irmãs que as autorizo confeccionar e distribuir o escapulário*”. Pio XI tinha o escapulário verde ao lado da Medalha Milagrosa em sua mesa de trabalho.

De acordo com o Direito Canônico vigente, o Superior geral deveria conceder a permissão, o que foi feito pelo Padre Fiat em 8 de julho de 1911.

- Trechos retirados do livro do Padre Mott, cm ⁽¹⁾
Dezembro de 2006

Nota

1 O texto acima teve como base os escritos do Padre Marie-Edouard Mott, Sacerdote da Congregação da Missão, segundo a orientação da Irmã Buchepot, antiga Diretora do Seminário e algumas notas feitas pelo próprio Padre Aladel.